

REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CONGREGAVIT NOS IN UNUM CHRISTI AMOR

Primeira Assembléa Anual dos Superiores Maiores Religiosos do Brasil <i>Frei Jamaría de Sortino O. F. M. Cap.</i>	513
A Palavra do Sr. Núncio Apostólico <i>Alocução de S. Excia. Dom Armando Lombardi à 1.ª Assembléa Anual dos Superiores Maiores</i>	518
A Conferência dos Superiores Maiores Religiosos do Brasil e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil <i>Dom Martim Michler O. S. B., Presidente da C. R. B.</i>	522
Declaração da Primeira Assembléa Anual dos Superiores Maiores Religiosos do Brasil	529
Relatório da C. R. B. apresentado pelo Secretário Geral à Primera Assembléa Anual	535
A Serva de Deus Rosa Gattorno <i>por uma Filha de Sant'Ana</i>	549
Comunicações e Crônicas	569
Correspondência das Secções Estaduais	573
Novas Fundações	575
Bibliografia	576

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil

Rua Farani N.º 95 — Rio de Janeiro — Brasil

Diretor Responsável: Pe. Irineu Leopoldino de Souza S. D. B.

PRIMEIRA ASSEMBLÉIA ANUAL DOS SUPERIORES MAIORES RELIGIOSOS DO BRASIL

Frei Janaria de Sortino O. F. M. Cap.

Mais uma etapa, na história das atividades e realizações da Conferência dos Religiosos do Brasil, foi alcançada com a Primeira Assembléia Anual dos Superiores Maiores, realizada no Rio de Janeiro de 15 a 20 de julho.

A Assembléia foi convocada pela Diretoria da C. R. B., conforme as resoluções do Segundo Congresso dos Religiosos, e devemos confessar que não somente foram alcançados os objetivos e a finalidade que a mesma se propunha, mas que novas atividades e novos horizontes foram abertos na união e atualização dos religiosos, com as conclusões a que se chegou e com as resoluções tomadas, tôdas de grande importância para a vida e a prática no apostolado sempre mais eficiente de nossas comunidades.

Estiveram presentes cerca de 60 Padres Provinciais e 120 entre Mães Gerais e Provinciais, animados de grandes propósitos e de espírito de colaboração e união, o que ficou sempre patente nos debates e nas deliberações, demonstração clara do amor e harmonia que reinam entre os religiosos.

Além disso, a presença, sempre contínua e ativa, das Exmas. Autoridades Eclesiásticas, deu a estas reuniões um cunho de maior importância e de maior alcance, sendo as resoluções tomadas em entendimento e com a aprovação das mesmas. O Emmo. Sr. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara, que foi o Presidente de honra, o Exmo. Sr. Núncio Apostólico, Dom Armando Lombardi, Suas Excias. Dom Helder Câmara, Secretário da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, e Dom José Vicente Távora, V. Assistente Geral da A. C. B., trouxeram sempre aos Revmos. Provinciais a palavra autorizada da Igreja no Brasil e deram ensejo à Assembléia de manifestar seus sentimentos de respeito

e devoção filial ao Santo Padre Pio XII, presente na pessoa do Exmo. Sr. Núncio, e a tôdas as Autoridades Eclesiásticas brasileiras.

* * *

Os trabalhos foram divididos em duas grandes secções: a dos Revmos. Padres Provinciais, de 15 a 18 de julho, no Colégio Santo Inácio, e a das Revdas. Madres Superiores, de 18 a 20, no Instituto Santa Úrsula. Uma sessão em conjunto, na manhã do dia 18, encerrando os trabalhos dos Padres e iniciando os das Madres, reuniu numa só assembléa os numerosos componentes desta Conferência, no salão nobre do Colégio de Sion.

Foram apresentadas as seguintes teses: "Considerações jurídico-práticas sobre a Obra Pontifícia das Vocações Religiosas" (Fr. Francisco Xavier Bockey O. F. M.), "A técnica do recrutamento" (Irmão João de Deus P. F. M.), "A formação dos jovens religiosos" (Pe. Paulo Bannwarth SJ), "A imprensa e o cinema a serviço do apostolado moderno" (Fr. Romano Koepe O. F. M.); para as Superiores: "Recrutamento de vocações femininas" (Madre Maria Denice de Carvalho R. S. D.), "Problemas de formação religiosa" (Irmã Inêz Campos S. Sp. S.), "Problemas atuais de enfermagem" (Irmã Margarida Villac F. C.), "Obras Sociais" (Da. Araci Cardoso), "Formação de catequistas e organização da catequese" (Madre Teresa de Cristo Lesier O. S. U.); o Pe. Aloisio Zens S. V. D. e a Madre Silvia Villac M. J. Cr. falaram, para os Superiores e Superiores respectivamente, sobre "Protestantismo e Espiritismo", relatando as conclusões da Semana de Estudos em São Paulo; S. Excia. Dom José Vicente Távora tratou de assuntos de Ação Católica em ambas as secções, e S. Excia. Dom Helder Câmara, na secção dos Superiores Maiores, falando em nome do Episcopado Brasileiro, abordou assuntos vários, especialmente sobre vocações, catequese e Ação Católica, que eram os temas da Assembléa.

Na sessão conjunta do dia 18 as Exmas. Autoridades Eclesiásticas presentes foram saudadas pelo Conselheiro na Diretoria da C. R. B., Pe. Frei Tarcísio de Palazzolo O. F. M. Cap. Depois da leitura das Conclusões da Assembléa dos Superiores Maiores e do relatório anual apresentado pelo Revmo. Pe. Secretário, ouvimos a palavra de Dom Inácio Acioly, representando o Exmo. Sr. Presidente da C. R. B. ausente por motivos de saúde, sobre: "A Conferência dos S. M. Religiosos do Brasil e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil". A palavra de satisfação do Exmo. Sr. Núncio Apostólico veio encerrar êste conclave, dêle recebendo as oportunas diretrizes para uma ação cada vez mais eficiente no apos-

lado. Nessa ocasião a C. R. B., pelas mãos de S. Emcia. o Sr. Cardeal Câmara, conferiu o diploma de Benemerência aos Revmos. Superiores e Superiores Provinciais que contribuíram com doações ou empréstimos para a aquisição da Sede Própria da Conferência.

Também durante os dias da Assembléia houve reuniões dos Presidentes das Secções Estaduais e dos Encarregados dos Serviços de Viagens, que vieram de todos os pontos do país. Não podemos deixar de salientar a visita que fizeram à Assembléia os Diretores da Panair do Brasil, que muito ativamente estão empenhados em proporcionar aos Religiosos os melhores serviços em suas viagens sejam internacionais sejam interestaduais.

* * *

Os resultados da Assembléia foram mais do que satisfatórios e todos positivos.

Publicamos nas páginas seguintes os principais documentos da Semana, que são do interesse comum de todos os Religiosos. Aqui daremos uma idéia das conclusões e deliberações a que chegaram os Revmos. Padres Provinciais depois do estudo das teses e dos debates que foram sempre cordiais e animados (as principais resoluções foram tomadas por votos secretos e por maioria absoluta), enquanto na "Declaração da Assembléia" os leitores terão uma visão mais completa dos propósitos da Assembléia e de toda a Conferência dos Superiores Maiores Religiosos.

Os assuntos tratados nas teses e debates se referem todos a problemas de formação e apostolado, e problemas de ordem administrativa.

Entre os primeiros notamos os seguintes:

a) **Vocações:** Recomenda-se a agregação de tôdas as Províncias e obras dos Religiosos à Obra Pontifícia das Vocações Religiosas; determina-se a criação de um Departamento das Vocações Religiosas que sirva de ligação entre as Províncias e a Obra Pontifícia, e que se encarregue dos problemas da formação religiosa; sugere-se à C. R. B. seja instituído o "Dia Nacional das Vocações Religiosas", em dia a ser determinado; perante a grande escassez do clero secular, comprometem-se os Religiosos a uma mais ampla colaboração na importantíssima Obra das Vocações Sacerdotais; pede-se a inclusão, no curso teológico, de um programa de orientação na formação e recrutamento das vocações femininas.

b) **Ação Católica:** Os Superiores Maiores comprometem-se por unanimidade em promover a A. C. nas paróquias e nos Colégios, nas bases da correspondência entre a C. R. B. e o Cardeal Arcebispo do Rio de Ja-

neiro e o Relatório da Semana de A. C. para Religiosas (v. Revista da C. R. B., n.º 24, págs. 336-343). As Revmas. Madres tomaram o empenho de promover em todos os seus Colégios a JECF, considerada como “pedagogia auxiliar da formação dos jovens educandos”, e a promover ainda o conhecimento da A. C. entre suas Religiosas.

c) **Boa Imprensa:** pede-se mais uma vez a criação do Departamento de Boa Imprensa, departamento já aprovado pelo II Congresso dos Religiosos e não ainda em funcionamento por falta de pessoal religioso que se encarregue do mesmo.

d) **Cinema:** Aprovando como louvável iniciativa o incipiente Departamento do Cinema, fazem-se votos que o mesmo se desenvolva cada vez mais como centro de censura e distribuição, para uma maior moralização dos filmes. Resolve a Assembléia o critério de censura a ser adotado pelo Departamento: a) filme irrepreensível do ponto de vista moral, b) agradável do ponto de vista artístico, c) educativo do ponto de vista pedagógico. A totalidade dos Superiores e Superiores tomaram o compromisso de tudo fazerem para o desenvolvimento do Departamento.

e) **Catequese:** Aprovando as diretrizes da Diretoria da C. R. B., no sentido de que nossos Colégios e Escolas Normais tornem-se centros de formação de Catequistas, louva-se a iniciativa de um Concurso entre as Religiosas que se dedicam à formação de catequistas de nível primário. As Revmas. Madres fazem votos que a C. R. B. promova permanentemente a atividade catequética, organizando movimentos que impliquem a participação de tôdas as Províncias.

Quanto aos problemas de ordem administrativa, além da parte relativa aos serviços de viagens e ao pessoal religioso que dedica sua atividade aos trabalhos da C. R. B., o assunto principal foi a nova sede própria da Conferência.

Depois de apresentados os resultados até agora alcançados com a campanha lançada a 15 de agosto de 1956 e diante da urgente necessidade de ser solucionado o problema, especialmente com as propostas concretas que agora se apresentam, foi estudado um novo plano de financiamento anual que possibilitaria à Diretoria realizar o que não é um simples desejo, mas uma impelente necessidade para o melhor funcionamento dos Serviços na sede central. O plano aprovado pela Assembléia dá esperanças certas de que o assunto possa ser resolvido o mais breve possível, sem que sejam prejudicados o funcionamento e as atividades dos vários Departamentos.

O voto de louvor à Diretoria Nacional da Conferência, deixado consignado pela Assembléia dos Superiores Maiores Religiosos do Brasil,

não é somente um ato de aprovação da organização e atividades da Conferência dos Religiosos, mas é sobretudo a manifestação de uma união sempre mais ativa e eficiente entre os Religiosos e Religiosas em todos os recantos do território nacional, alcançada principalmente durante êste ano com a fundação das Secções Estaduais e Núcleos regionais.

Nesta união e colaboração de tôdas as famílias religiosas que em conjunto estudam, deliberam e planejam as atividades de apostolado e os problemas de formação, que em mútua colaboração trabalham tanto na sede central como nas Secções Estaduais e filiais de serviços, está tôda a grandeza e tôda a eficiência de nossa Conferência. Isto veio nos dizer esta Primeira Assembléia dos Superiores Maiores que na caridade e no amor viu irmanadas tôdas as famílias religiosas espalhadas por êste imenso Brasil.



A PALAVRA DO SR. NÚNCIO APOSTÓLICO

Alocução proferida por S. Excia. D. Amando Lombardi, na sessão conjunta dos Superiores e das Superiores Maiores do Brasil, realizada no dia 19 de julho de 1957.

Quando se realizou, em julho do ano passado, na Cidade de São Paulo, o Segundo Congresso Nacional dos Religiosos do Brasil, estive ausente do País. Não pude, porisso, participar dêste importante conclave, presidido pelo próprio Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos, o Eminentíssimo Sr. Cardeal Valério Valeri, o qual, de regresso a Roma, não deixou de manifestar sua viva satisfação em ter podido constatar, “com quanto amor, união e concórdia de espírito foram estudados os problemas de organização e atualização, repetidamente recomendados pela Santa Sé” (Carta do Emmo. Sr. Cardeal Valeri ao Revmo. Sr. Dom Martinho Michler O. S. B., Presidente da Conferência dos Superiores Maiores do Brasil, datada em 28 de agosto de 1956).

E', pois, com o maior prazer, que assisto a esta Sessão Conjunta da Primeira Assembléia Anual, que me proporciona a grata oportunidade de me dirigir, pela primeira vez, aos Superiores e às Superiores Maiores dos 10.000 Religiosos e das 36.000 Religiosas, dispersos por esta imensa Pátria; um verdadeiro exército, uma “acies bene ordinata”, que trabalha, que reza e que sofre pela dilatação e pela implantação do Reino de Cristo nas almas e nos corações de todos os brasileiros.

Apresento aos Superiores e às Superiores Maiores, representando as Ordens e as Congregações Religiosas, que atualmente desenvolvem atividades de apostolado em tôdas as partes do Brasil, os meus mais efusivos cumprimentos, com votos sinceros, de que esta Primeira Assembléia Anual, convocada para estudar os principais problemas de interesse comum e planejar a atividade apostólica das várias Províncias Religiosas nos setores mais urgentes, seja coroada de pleno êxito e alcance os frutos espirituais, que todos nós ardentemente desejamos.

Não pretendo, neste momento, traçar-vos normas nem dar-vos orientação: para isto tendes a palavra autorizada, luminosa e orientadora do Santo Padre, nestes últimos anos; a intensa atividade, que vem sendo desenvolvida pela Sagrada Congregação dos Religiosos, e toda uma inovação na própria legislação em matéria.

Quero apenas expôr-vos, com sinceridade e lealdade, alguns pensamentos, que me vem à mente, tendo em vista a situação religiosa em geral do Brasil, com relação ao trabalho dos Religiosos.



I — É da mais alta importância — e injusto seria não reconhecê-lo — o papel relevante, que as Ordens e as Congregações Religiosas, através dos mais variados setores de apostolado, desempenharam e desempenham na História Eclesiástica do Brasil, em prol do estabelecimento do Reino de Deus, do bem da Igreja e da salvação das almas. Atualmente, mais de dois terços do Clero, que trabalha no Brasil, pertencem às Ordens e Congregações Religiosas. Segundo o Anuário dos Religiosos de 1955, os religiosos possuem 1.047 paróquias e 582 obras de educação; e as religiosas, 2.553 obras educacionais, e 1.009 obras de assistência e saúde.

É um quadro verdadeiramente grandioso, que nos apresenta em cifras a importância capital e a enorme responsabilidade dos Religiosos defronte à Igreja e a própria sociedade civil.

Daí a necessidade imprescindível de os Religiosos viverem sempre unidos à Hierarquia Eclesiástica e de prestarem sua valiosa e indispensável colaboração nas obras de apostolado, colocando-se à disposição do Episcopado como auxiliares bem preparados e dóceis, e procurando cultivar e manter as melhores relações de mútua cordialidade com os sacerdotes do Clero diocesano. Qualquer deficiência ou falha neste sentido teria no Brasil repercussões muito mais graves, do que em outros países, onde menos sentida e menos urgente se faz a necessidade da colaboração apostólica do Clero regular.

Os Religiosos, quando lhes é concedida jurisdição sobre os fiéis nas Dioceses, assumem o compromisso de exercê-la de perfeito acôrdo com a vontade e a orientação dos Bispos, postos pelo Espírito Santo para regerem e governarem a Igreja de Deus (Atos dos Apóstolos, 20, 28). Sua colaboração, portanto, na obra da salvação das almas, deve revestir-se de todas as características de uma genuína e sincera colaboração, baseada, sim, na legislação eclesiástica, que delimita sãbiamente os direitos e as

obrigações de ambos os Cleros, mas baseada também, e principalmente, na caridade, que deve suscitar no coração de todos os sacerdotes o desejo ardente de imitar Aquêle, que disse: "Não vim para ser servido, mas para servir".

O Clero religioso, portanto, mesmo o que não é pastor de almas, deve formar "cor unum et animam unam" com o Clero diocesano, para, dêste modo unidos sob a dependência do Bispo, poderem formar poderosa vanguarda, capaz de dilatar o Evangelho e de opor-se mais facilmente e com maior eficácia aos ataques dos inimigos da religião. Estas palavras estão em inteira conformidade com o apêlo, formulado pelo Santo Padre na Constituição Apostólica "Menti Nostrae": "Exortamos — diz Sua Santidade — todos os sacerdotes, tanto os do Clero diocesano quanto os que pertencem a Ordens e Congregações Religiosas, a fim de que, estreitados os vínculos da caridade fraterna, prossigam em união de fôrças e vontades na meta comum, que é o bem da Igreja, a santificação própria e dos fiéis".



II — A atual situação religiosa do Brasil exige, da parte dos Religiosos e das Religiosas, um cuidado e um esforço todo especial:

- a) — na preparação sólida de seus próprios elementos, particularmente no que tange ao recrutamento, à seleção e à formação;
- b) — na campanha da Obra das Vocações Sacerdotais;
- c) — na difusão e no ensino do catecismo;
- d) — na Ação Católica e outras formas de apostolado leigo.

a) — A preparação sólida e profunda dos futuros membros é de vital importância para as Ordens e as Congregações Religiosas. Mostrem os Superiores, sobretudo neste ponto delicado e importantíssimo, que são verdadeiramente pais, e as Superiores, que são verdadeiramente mães. Com a Constituição Apostólica "Sedes Sapientiae", promulgada em 31 de maio de 1956, o Santo Padre veio preencher uma lacuna que em matéria de formação dos religiosos existia até o presente. Que as normas sapientíssimas desta Constituição inspirem e orientem sempre aquêles, que tem a responsabilidade de formar os futuros sacerdotes religiosos.

b) — O problema das vocações sacerdotais, como todos sabem, é o problema número um do Brasil. Sua solução deve interessar vivamente a todos quantos estão empenhados na obra da salvação das almas.

c) — A difusão e ensino da doutrina cristã, e, muito particularmente, da catequese popular, é, no dizer de Pio XI, “a primeira de tôdas as obras da Ação Católica, e a mais necessária dos nossos dias”. Imensamente grande é o campo de apostolado, que neste setor se oferece aos Religiosos e às Religiosas.

d) — A enorme escassez de Clero, com que se defronta o Brasil, impõe a todos o dever indeclinável de fundar e desenvolver a Ação Católica, a qual, “com seu caráter adequado ao nosso tempo, deve ser implantada de todos os meios”, segundo expressão do Santo Padre Pio XII.

Eis, em suas linhas gerais, alguns dos problemas mais urgentes, com que se defronta a Igreja no Brasil, e para cuja solução é indispensável a colaboração valiosa dos Religiosos e das Religiosas.

A Conferência dos Religiosos do Brasil é considerada uma das melhores, existentes no mundo: é o que me foi dito na Sagrada Congregação dos Religiosos. Como Representante da Santa Sé no Brasil isto me enche de alegria e de esperança, e me leva a dar a minha palavra de aplauso e de encorajamento.

Avante, pois, para sempre novas conquistas e realizações! A meta final ainda não foi atingida. Ainda há muito a melhorar e a progredir.

Tenho certeza de que a Conferência dos Religiosos do Brasil jamais será uma espécie de fortaleza, destinada a defender unicamente os próprios interesses; mas será uma poderosa e bem ordenada organização, que visa ao bem de todos os seus membros, e que está à disposição da Igreja, e, porisso, da Hierarquia, para colaborar desinteressadamente e apostolicamente na grande obra, que é própria da Igreja, isto é, a salvação das almas imortais.

“Veritatem facientes in caritate”, “in fidei unitate” et “in vinculo pacis”, “crescamus in illo, per omnia, qui est caput, Christus” (Ef. 4, 15).



A CONFERÊNCIA DOS SUPERIORES MAIORES RELIGIOSOS DO BRASIL E A CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

*Dom Martin Michler O. S. B.,
Presidente da C. R. B.*

Por mercê de Deus, podemos dizer que o tema proposto à nossa dissertação — a questão das relações vigentes entre os Religiosos e o Episcopado do Brasil — não constitui problema, nem sugere apreensões. Compete-nos, porém, fixar bem claramente alguns princípios atinentes ao assunto, princípios que, inspirados pela sabedoria da Santa Sé, visam garantir o pleno êxito da colaboração dos Religiosos com os Exmos. Srs. Bispos. Os princípios claramente concebidos gerarão uma prática fecunda, abundante em frutos para o Reino de Deus.

Abordaremos primeiramente o aspecto dogmático do tema, para depois entrar em normas de aplicação prática.

A — O aspecto dogmático.

Se há alguma nota que caracterize os discípulos de Cristo, é, segundo a palavra do próprio Mestre, a **caridade e a unidade**. “Sejam todos um só” (Jo 17, 21), dizia o Senhor; sejam um só, mediante, inclusive, renúncia a todo interesse particularista e aberrante. O fundamento desta unidade é de ordem místico-sacramental: ordem na qual todo cristão vive e da qual os membros da Hierarquia sacerdotal e os Religiosos participam de modo especial. Na realidade, há “um só Senhor, uma só fé, um só batismo”: por isto também “um só Corpo e um só Espírito, como há uma só esperança como termo da nossa vocação” (Ef 4, 4-6).

Se o Cristo na sua vida física e mortal entre nós, não estava partido em muitos membros mas os tinha organicamente unidos entre si, formando

um só Corpo, como poderia agora o seu Corpo Místico viver desmembrado em grupos e facções?... perguntava São Paulo aos seus fiéis de Corinto, que opunham os Apóstolos e pregadores do Evangelho uns aos outros (cf. 1 Cor 1, 13). Querer nutrir o espírito de facção ou de rivalidade na Santa Igreja seria o mesmo que querer tornar monstruoso o Corpo de Cristo e, por hipótese, condená-lo à morte. Para o cristão, e, em particular, para o sacerdote e o Religioso, só pode haver vida autêntica dentro do fluxo de vida que do Pai se comunica ao Filho na eternidade e, na plenitude dos tempos, se estende à Santíssima Humanidade de Cristo, desta aos Apóstolos, aos Mártires, aos Confessores, às Virgens e, por fim, a cada um de nós. São Clemente de Roma desenvolve esta perspectiva sob um aspecto que interessa ao nosso tema:

“Os Apóstolos foram constituídos pregadores do Evangelho pelo Senhor Jesus Cristo, e Jesus Cristo foi enviado por Deus. Cristo, portanto, vem de Deus (Pai) e os Apóstolos vêm de Cristo. Uma e outra missão foram harmoniosamente dispostas por vontade de Deus. Tendo para tal recebido ordem, os Apóstolos saíram a anunciar a vinda do Reino de Deus. Nas diversas regiões e cidades estabeleceram bispos e diáconos para (o governo e serviço) dos convertidos” (1 Cor 4 2).

Este documento atesta com eloquência que não pode haver perfeição cristã — nem vida sacramental, nem vida mística — alheia à hierarquia da Igreja, pois procurar a Cristo e ao Pai por outra via que não a do Episcopado é contradizer ao plano divino, furtar-se à corrente de vida.

E' essa doutrina perene que, ainda recentemente, o sucessor de Clemente Romano e de Pedro, Sua Santidade o Papa Pio XII, lembrava aos Sacerdotes, Religiosos e leigos participantes do Congresso Internacional de Liturgia em setembro de 1956:

“Os pastores e a grei, a Igreja que ensina e a Igreja que recebe os ensinamentos, formam um só e único Corpo de Cristo. Por isto não há razão alguma para alimentar desconfianças, rivalidades, oposições abertas ou latentes, seja nos pensamentos, seja na maneira de falar e operar. Entre os membros de um Corpo deve reinar, antes de tudo, a concórdia, a união e a colaboração”.

Eis, porém, que a caridade de Cristo, tendo-nos congregado “in unum”, num só Corpo, impele-nos a estender os seus efeitos ou a estender o Reino de Deus. Importa-nos, portanto, tomar consciência da maneira como os religiosos hão de prestar sua colaboração à hierarquia na difusão do Santo Evangelho.

B — Normas de apostolado.

Duas são as modalidades, através das quais Religiosos e Religiosas, segundo a mente do Santo Padre, exercem o seu apostolado:

I — A forma primária será, forçosamente, a santificação própria, de cada membro do "status perfectionis". O Corpo Místico de Cristo, sendo estritamente sobrenatural, cresce pelo aumento da vida sobrenatural de seus componentes, aumento que tem lugar pela prática dos Sacramentos e pelo exercício da oração e das virtudes. Neste aspecto do apostolado, que é o aspecto fundamental, não há margem para distinguir entre Sacerdotes, Irmãos leigos educadores, Conversos ou Coadjuutores, e Religiosas; todos podem contribuir com generosidade; antes, a maior fidelidade aos votos sagrados poderá fazer com que uma Religiosa ou um irmão ganhem mais almas para Cristo do que um sacerdote entibiado no cumprimento de sua profissão religiosa. Não foi Santa Teresa de Lisieux declarada Padroeira dos Missionários juntamente com o grande pregador São Francisco Xavier, ela que só procurou desaparecer, na observância exata de sua Santa Regra?

Parece-nos que, a este propósito, bem se poderiam citar as palavras de Sua Santidade Pio XII, na Constituição Apostólica "Sponsa Christi", dirigidas às monjas, mas, sem sombra de violência, aplicáveis a todos aquêles, sacerdotes ou não, que se devotaram a Deus no estado religioso:

"Moniales ergo omnes probe sciant ipsarum vocationem plene totamque apostolicam esse, nullis locorum, rerum, temporum limitibus circumscrip-tam, sed ad omnia, semper et ubique sese porrigentem, quae aut ad Sponsi honorem aut ad animorum salutem quovis modo spectant. . .

Communis omnium Monialium apostolatus, quo Divini Sponsi sui honorem zelare et universae Ecclesiae omniumque Christifidelium bonum provehere debent, his tribus praecipue veluti instrumentis utitur:

1.º) — exemplo christianae perfectionis; cum earum vita, licet sine verbis, alte tamen loquatur et continuo ad Christum atque ad christianam perfectionem fideles trahat, et bonos Christi milites ad legitimum certamen ut vexillum excitet alliciatque ad coronam;

2.º) — precatione, tum publice Ecclesiae nomine, septies in die solemniter canonicis horis ad Deum fundenda, tum etiam privatim perenniter Deo omnibus formis offerenda;

3.º) — devovendi se studio, ita ut afflictationibus quae ex vita communi fidelique regulari observantia oriuntur, alia propriae abnegationis exercitia sive ex Regulis ac Constitutionibus praescripta, sive prorsus vo-

hutarie suscepta, addantur, quibus generose illa impleantur "quae desunt passionum Christi Iesu, pro corpore Eius, quod est Ecclesia" (Acta Apostolicae Sedis XLIII (1951), 14).

Não há dúvida, são as virtudes, é a santidade que a Santa Igreja espera primariamente dos Religiosos e Religiosas; sejam as suas casas verdadeiros reservatórios de espírito de fé e de heroísmo! Somente a procura incessante do crescimento interior justifica o título oficialmente atribuído ao nosso estado: "status perfectionis acquirendae". Dedicando-se a este intento, o Religioso ocupa seu lugar próprio no Corpo de Cristo, constrói, sustenta, vivifica; caso contrário, tudo que ele possa fazer de grande e vistoso sem este afã da santidade, deixa-o deslocado e mais ou menos estéril, no plano do apostolado.

II — Decorrentes da vida interior não de ser os trabalhos exteriores, a colaboração com os Exmos. Srs. Bispos e pastores de almas. Neste setor observe-se:

a) é desejo do próprio Episcopado, expresso na Conferência Geral da hierarquia latino-americana reunida no Rio de Janeiro em 1955, que não exerçam os Religiosos qualquer atividade contrária ou de algum modo nociva à respectiva disciplina regular: esta deve ser preservada na distribuição dos trabalhos apostólicos. Permitimo-nos citar o seguinte trecho das Conclusões da dita Conferência, em que se resguarda a disciplina religiosa:

"...Seguindo la letra y el espíritu del Código de Derecho Canonico, salva la disciplina religiosa y sin detrimento de sus ministerios propios y específicos, se esfuerzen... en ayudar los Párrocos de las Diócesis..." (título III n.º 35-A).

Parece-nos importante chamar a atenção dos Religiosos e Religiosas para esta necessidade de preservar a vida regular da dispersão "ativista", numa época em que muito se valoriza o visível e menos se estimam os valores estritamente espirituais, sobrenaturais.

b) Todo trabalho de apostolado dos Religiosos e Religiosas deverá ser sempre empreendido, executado e terminado obedecendo às normas gerais ou particulares emanadas dos Srs. Bispos: não haja iniciativa pessoal contrária aos planos diocesanos de ação, por muito apta que possa parecer a inspiração de um indivíduo ou de um grupo. Sabemos que é a graça de Deus, e, muitas vezes, a renúncia, que fecundam nossos trabalhos, mais do que nossos talentos humanos.

Também aqui nos acode um texto autorizado a saber, a Comunicação baixada pela Sagrada Congregação dos Religiosos por ocasião da citada Conferência do Episcopado latino-americano:

“Recomenda-se não sòmente a todos os Sacerdotes, mas também a todos os que professam o estado de perfeição, que reavivem a consciência da unidade do corpo do exército sacerdotal, religioso e apostólico, que em cada diocese ou circunscrição eclesiástica (cân 216 § 2), às ordens e sob a direção do Exmo. Ordinário (cân 198 § 1), deve lutar pelo Reino de Deus e pela salvação e santificação de tôdas as almas que formam a grei de Cristo. Embora por títulos diversos — isto é: o clero secular por incardinacão (cân 111 § 1-2), os membros dos estados de perfeição por adscrição legítima como clérigos (cân 11 § 1; cân 585) ou por incorporação a uma religião incardinada na diocese, — todos formam parte das fôrças espirituais da diocese, e devem como tais, conforme a norma do Código e segundo as modalidades legitimamente estabelecidas, trabalhar fraternalmente unidos debaixo da obediência filial ao único Pastor Ordinário do lugar (cân 198 § 1).

“Os religiosos e todos a êles equiparados considerarão o Bispo como Pai e Pastor de todos e em particular das almas consagradas a Deus, à Igreja e ao apostolado na diocese. Esta constitui o campo de ação recomendado pelo Senhor ao Bispo como a Chefe, Pastor e Pai, ao Clero e aos Religiosos como a súditos, filhos e colaboradores; deverão, portanto, nutrir e fomentar para com o Exmo. Ordinário Diocesano sentimentos de confiança e de amor e espírito de colaboração” (transcrito das Conclusões da Conferência do Episcopado latino-americano, título III n.º 35 nota 2).

A Conferência Geral do Episcopado latino-americano quis, explicitamente, fazer suas as palavras desta admoestação transcrevendo-as nas suas Conclusões.

Pode-se mesmo dizer que exorbitaria do conceito de “trabalho de um Religioso” todo empreendimento concebido independentemente da hierarquia da Igreja. E’ o que sugere a referência à origem e ao fim do estado religioso, feita por Sua Santidade o Papa Pio XII, no Congresso Mundial dos Religiosos em 1950:

“Religiosae vitae status... ecclesiastica origine defluens, ideo est atque ideo valet, quia arcteproprio Ecclesiae fini cohaeret, qui eo spectat, ut homines ad sanctitatem assequendam perducantur” (Acta Apostolicae Sedis XLIII (1951) 27s).

Foi, aliás, para facilitar aos Religiosos a melhor consecução de sua finalidade eclesiástica que a referida Conferência Geral do Episcopado latino-americano em 1955 exprimiu o desejo de que “no se difiera el establecimiento en todas las Naciones Latino-americanas de las Conferencias de los Superiores Mayores Religiosos” (Conclusões, título III n.º 35).

A nossa Conferência Religiosa no Brasil, já existente em 1955, tem sido e, com a graça de Deus, continuará a ser um elo entre as famílias religiosas do território nacional e o seu digno Episcopado.

c) Evite-se entre os Religiosos postos a serviço da Diocese tudo que possa ter o sabor de rivalidade ou concorrência, tôda tendência exclusivista. Visando unicamente os interesses do Reino de Deus, não prejudiquem a ação legítima de seus confrades: em casos de interferência de atividades, não hesitem em procurar a solução mais inspirada pela caridade, a qual se pode obter ou pelo entendimento direto das partes interessadas, uma com a outra, ou pelo recurso à autoridade diocesana ou à Nunciatura Apostólica. Assim procedendo, satisfarão ao ardente desejo do Santo Padre formulado no seu discurso aos participantes do Congresso Geral dos Estados de Perfeição em 1950:

“Facite ut in vobis nomini consonent mores, congruat professioni tota ratio vitae. Secundum illud Apostoli gentium: “Solliciti servare unitatem Spiritus in vinculo pacis” (Eph 4, 3): pax regnet in vobis et inter vos, inter eiusdem nempe Instituti et domus sodales, et cum iis qui ad alia Instituta sunt cooptati; inter vos et omnes alios qui vobiscum operantur et cum quibus vos operamini ad homines Christo lucrificandos. Facessant instinc controversiae et discordiae, quae enervant et manca reddunt etiam spei plena incepta: Ecclesia, ut apostolico labore exercendus campus, in immensum patet, operis et sudoris copia nemini deest” (Acta Apostolicae Sedis XLIII (1951) 36):

De resto, muito nos apraz registrar que a Conferência dos Religiosos do Brasil tem servido de elemento coordenador das diversas comunidades e de suas obras de apostolado. Esperamos poder continuar a aplainar os caminhos, conjugar os esforços de todos em vista da crescente eficácia de nossos empreendimentos. Bem oportuno é notar, aqui, que, justamente para prestar o mais válido auxílio possível, enquanto promove a atualização tão desejada pelo Sumo Pontífice, a Conferência se tem organizado em diversas secções e sub-secções; no plano espiritual e profissional, ela apresenta seus Departamentos de Educação, Catequese, Enfermagem, Estatística e outras formas de atividade e coordenação; no plano material, ela se fez Procuradoria das famílias religiosas junto ao Govêrno e a entidades civis, oferece um Serviço de Viagens vantajoso, etc. Isto tudo, porém, ela não o faz em vista de interesses meramente temporais; se a Conferência se serve dos melhores recursos da técnica administrativa, isto se dá exclusivamente em vista da extensão do Reino de Deus e da santificação das almas. Infelizes seríamos se dedicássemos nossa atividade de sacerdotes e almas

consagradas a Deus, à procura de aparato e sucesso meramente comercial ou técnico. E', pois, em outros termos, para secundar e fazer frutificar plenamente os esforços dos Exmos. Srs. Bispos que a nossa Conferência desenvolve tôda a sua organização.

* * *

Resta-nos, em conclusão, exprimir a Sua Eminência Reverendíssima D. Jaime de Barros Câmara. DD. Cardeal - Arcebispo do Rio de Janeiro, e a todos os preclaros membros da hierarquia sagrada, os protestos de filial submissão e obediência dos Religiosos e Religiosas do Brasil, protestos que vão acompanhados do pedido de bênção muito efusiva, a fim de que o Senhor Deus nos conceda a graça de servir sempre mais e melhor à sua Santa Igreja! Devemos, ainda dizer, que somos sensíveis aos apêlos que, em nome da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, nos deram a honra de vir fazer pessoalmente, em benefício do crescimento e das atividades dos Religiosos, especialmente quanto à Ação Católica, tão cara aos últimos Papas, conscientes das necessidades apostólicas de nossa época, SS. Excias. Revmas. D. Helder Câmara e D. José Távora.

Não poderíamos concluir nossas palavras, sem dirigir uma especial saudação a S. Excia. Revma. o Sr. D. Armando Lombardi, DD. Núncio Apostólico, que representa em nossa terra, por honrosa incumbência, S. Santidade o Papa Pio XII, e, vela pelo bem de tôdas as comunidades eclesiásticas do Brasil. Quanto já lhe devemos em orientação, conselhos e atenções constitue, estamos certos, o penhor do muito que ainda receberemos do discreto e vigilante cuidado que põe no exercício de sua alta e paternal missão. Receba V. Excia. Revma. a segurança do acatamento e do devotamento, de tôdas as horas, dos Religiosos do Brasil às altas inspirações e à pessoa do Sumo Pontífice gloriosamente reinante, S. Santidade o Papa Pio XII, para o qual, neste momento voltamos o nosso pensamento e pelo qual, neste instante, erguemos nossos votos a Deus.



D E C L A R A Ç Ã O
DA PRIMEIRA ASSEMBLÉIA ANUAL
DOS SUPERIORES MAIORES RELIGIOSOS DO BRASIL

Os Superiores Maiores Religiosos que atualmente desenvolvem atividades de apostolado em todos os pontos do Brasil, representando 78 Famílias Religiosas, organizadas em 147 províncias, mosteiros autônomos, ou delegações regionais, pondo em execução uma das deliberações do Segundo Congresso dos Religiosos, estivemos reunidos em assembléia geral ordinária, nos dias 15, 16, 17 e 18 de Julho do corrente ano de 1957, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, sob a presidência de honra do Eminentíssimo Senhor Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara e do Exmo. Senhor Núncio Apostólico, Dom Armando Lombardi, e sob a presidência efetiva da Diretoria da Conferência dos Religiosos do Brasil, para estudar os principais problemas de interesse comum e planejar a atividade apostólica de nossas províncias religiosas ou equivalentes, nos setores mais urgentes para a salvação das almas cujo cuidado a Providência Divina nos confiou. Em ambiente de mais fraterna caridade religiosa, sentindo vivamente a realidade do espírito que aqui nos trouxe — *Congregavit nos in unum Christi amor* — estudamos todo o temário proposto à Assembléia, com a assistência de mestres competentes e experimentados.

Afirmamos o desejo de tôdas as Famílias Religiosas, de trabalhar com inteira dedicação pela causa do reino de Deus, em perfeita consonância com os ensinamentos da Igreja, do Romano Pontífice gloriosamente reinante, sob as ordens da Sagrada Hierarquia em tôdas as iniciativas de apostolado externo desenvolvido pelas nossas obras, guardando cuidadosamente o patrimônio espiritual das regras, constituições e tradições que nos legaram nossos Santos Fundadores e os religiosos de nossos Institutos que a Igreja elevou às honras dos altares.

Procuramos estar sempre atentos às necessidades novas dos novos tempos, para compreender as mudadas circunstâncias e ambientes em que nossos religiosos devem exercer suas atividades. Damos nosso inteiro apóio e adesão ao movimento de atualização, promovido pelo Santo Padre o Papa Pio XII, e o entendemos no mesmo sentido afirmado pelo Congresso Internacional dos Estados de Perfeição, celebrado em Roma no fim do ano Santo de 1950, sob os auspícios e responsabilidade imediata da Sagrada Congregação dos Religiosos, no mesmo sentido em que trabalhou o Primeiro Congresso dos Religiosos do Brasil, em perfeita consonância de prin-

cípios e de propósitos com o pensamento da Sagrada Congregação dos Religiosos, trabalho êste renovado no Segundo Congresso e continuado incessantemente pela Diretoria da Conferência. Consideramos a atualização como uma exigência que provém da própria natureza das instituições que vivem com pujança e se renovam incessantemente através dos tempos, como um anseio de almas interiores que se afligem ante o espetáculo desolador das multidões que pedem o pão da verdade divina e não encontram quem lhos reparta.

Pensamos que a realização prática e efetiva da atualização não pode ficar ao critério individual de cada religioso, nem de cada comunidade, mas deve ser um trabalho ordenado e prudente, realizado, quanto às necessidades próprias, por cada Instituto Religioso em particular, através das autoridades, que, de acôrdo com suas regras e constituições, têm poder para realizá-la, e quanto às necessidades comuns, por todos os Institutos Religiosos em conjunto através das Organizações criadas por desejo expresso da Santa Sé, em todos os países. Dentro dos princípios invioláveis da obediência professada com voto, fundamento de tôda a vida religiosa, podemos e devemos realizar a atualização que não consiste em abrandamentos ou diluição do espírito religioso, nem em conformar-se com o espírito do mundo, aceitando mais ou menos conscientemente suas máximas e sua filosofia, sob a capa muitas vêzes enganadora de progresso ou de modernidade, mas que é uma intensificação do espírito do evangelho, um viver em sua plena realidade o espírito dos nossos Santos Fundadores, enfrentando os tempos novos com novos métodos e novos recursos.

Compreendemos que a atualização pressupõe a organização, e por isto abençoamos e louvamos os desígnios da Providência Divina, que em tão boa hora suscitou no Brasil a criação da Conferência dos Superiores Maiores, à qual pertencem tôdas as Províncias ou equivalentes, sem nenhuma exceção. Alegramo-nos por ver a sua expansão em departamentos que vêm atuando com tanta eficiência, e em serviços que nos poupam tempo precioso e que coordenam nossas forças, fazendo-nos sentir tão vivamente as vantagens que provêm da união. Desejamos que as Secções Estaduais e as Filiais dos Serviços, já difundidas por todo o território nacional, se consolidem sempre mais, com o apôio decidido das comunidades religiosas de cada Estado, formando uma verdadeira família para o estudo, solução e planejamento das atividades de apostolado próprios de cada região. Pensamos que a nossa Conferência, precisamente nesta difusão e nesta presença em todos os recantos do território, encontra sua perfeita

solidêz e alcança seus objetivos de incentivar a atualização e organizar a vida religiosa no Brasil.

Deixamos consignado um voto de louvor à atuação da Diretoria nacional da Conferência, às diretorias das Secções Estaduais, aos encarregados e responsáveis pelas filiais de serviços. Em particular, nosso voto de louvor às Famílias Religiosas que assumiram os encargos dos vários Departamentos, quer no Rio de Janeiro, quer nas Secções Estaduais, e que lhes vêm dando impulso tão consolador. Esta colaboração ativa de todos, é para nós a melhor garantia de continuidade da C. R. B., uma vez que lhe dá uma feição nítidamente marcada de patrimônio comum de tôdas as famílias religiosas presentes no Brasil, entre as quais se repartem as vantagens, como ainda os onus, encargos e responsabilidades da Conferência.

Sem lhes dar valor jurídico de lei obrigatória em consciência, consideramos as decisões de nossas assembléias, como orientações, deliberações e determinações de particular fôrça moral, que livre e espontaneamente acatamos e respeitamos, para tôdas as nossas províncias e comunidades, no intuito de alcançarmos eficaz coordenação das nossas fôrças e unidade de ação em nossos apóstolados.

Diante dos resultados consoladores alcançados até o momento, sinal evidente das bênçãos divinas, e considerando a aprovação explícita da Sagrada Congregação dos Religiosos, enquanto nos alegamos pela projeção internacional alcançada pela nossa organização, entendemos conservá-la fielmente nos moldes traçados pelo primeiro Congresso, e consagrados em seus Estatutos, mantendo Departamentos que atualizam e Serviços que organizam, chamando ao trabalho, em seus vários setores, não somente os religiosos, mas também leigos dedicados e competentes, sempre que fôr possível formá-los, para suprir a deficiência numérica do nosso pessoal. Entendemos que as iniciativas de ordem temporal desenvolvidas pela Conferência são também de interêsse dos religiosos, contribuem para uma união sempre mais estreita entre as diversas famílias religiosas. Relativamente ao funcionamento dos Serviços, fazemos votos para que continuem a se desenvolver dentro das normas canônicas e da tradição das famílias religiosas.

Entendemos que o primeiro tema desenvolvido nesta Assembléia de 1957 é realmente o problema fundamental da vida religiosa e de nossos apóstolados no Brasil: o recrutamento e a formação das vocações religiosas. Aplaudimos a Diretoria da Conferência, que vem envidando todos os esforços para trazer para o Brasil novas comunidades religiosas e novas congregações, encaminhando-as sobretudo para aquelas regiões mais escassas

de pessoal religioso. Recebemos continuamente novos pedidos para novas fundações, e nosso coração se constrange pelas repetidas negativas que somos obrigados a dar a tais pedidos, por não dispormos de pessoal numericamente suficiente. Pensamos que não é conveniente, nem ao apostolado, nem à vida religiosa, diluir o pessoal das obras existentes, para abrir sempre novas obras. Não raro a recusa de uma fundação pode dar-se em casos tão urgentes, tão imperiosos, que deixam até a impressão de falta de zelo ou de dedicação ao trabalho apostólico. Não podemos entretanto, em determinados casos, diante de Deus, em consciência, assumir novos encargos que viriam comprometer sériamente a estabilidade religiosa de nossas províncias ou sacrificar a formação das novas gerações.

Estamos promovendo, em tôdas as nossas províncias, movimentos sistemáticos de recrutamento de novas vocações. Aplaudimos o movimento promovido pela Diretoria da Conferência, em plano nacional, de semanas de vocações que se repetem nas cidades mais importantes. Desejando imprimir maior desenvolvimento a êste setor resolvemos com prazer a fundação do Departamento de Vocações e recomendamos calorosamente o cultivo das vocações não só para a vida religiosa senão também para o clero diocesano. Recomendamos outrossim a tôdas as nossas Comunidades que se dediquem a êste trabalho.

Reconhecendo a incontestável utilidade do apostolado dos Irmãos em seus variados setores, recomendamos se apoiem seus justos pedidos para a assistência espiritual de suas comunidades.

Particular atenção merece também o recrutamento e a formação das vocações religiosas de irmãs, enquanto podemos e devemos colaborar para o desenvolvimento das congregações femininas, existentes na Igreja por disposição da Providência Divina, e que trazem ao apostolado do sacerdote uma colaboração realmente preciosa, dedicada, cheia de generosidade e não raro, de imolação. Providenciaremos, quanto antes, que em nossos institutos teológicos, no programa de teologia moral, e particularmente na teologia pastoral, recebam nossos sacerdotes uma orientação clara e completa sôbre a maneira de colaborar no recrutamento das vocações de Irmãs, na sua formação, e no desenvolvimento do apostolado de suas obras. Devem os capelães, confessores e pregadores das comunidades de irmãs, receber uma formação adequada para êste apostolado, e deixamos à Diretoria da Conferência dos Religiosos do Brasil o encargo de promover, quando se julgar mais oportuno, uma semana de estudos para os capelães de religiosas.

Temos todo o interesse e empenho no desenvolvimento da Ação Ca-

tólica; particularmente da J. E. C. em nossos colégios, aderindo filialmente aos apelos da Santa Sé e da Conferência Nacional dos Bispos.

Agradecemos ao Exmo. Senhor Dom José Vicente Távora a ampla exposição do problema que se dignou apresentar em nossa Assembléia.

Encarecemos a todos os nossos Superiores locais e aos Religiosos nossos dependentes encarregados de qualquer apostolado em movimentos femininos, que cumpram conscienciosamente as normas e instruções da Santa Sé a respeito. Mantenham-se os sacerdotes na sua posição, reservando-se as atividades do ministério sacerdotal tão somente. As atividades sociais necessárias ou convenientes nos apostolados femininos, sejam confiadas às religiosas, e na sua falta, a senhoras piedosas e prudentes, capazes de dirigir tais movimentos.

Reconhecendo o imenso perigo que representa para a Igreja no Brasil a penetração sempre maior das heresias espíritas e protestantes, desejamos que todos os Religiosos sejam sempre mais esclarecidos a respeito, fazendo votos que se repitam, periodicamente, os cursos ministrados por S. Excia. Revma. o Sr. Dom Agnelo Rossi e o Revmo. Pe. Frei Boaventura Kloppenburg. Aceitando plenamente as orientações que emanam do Secretariado Nacional de Defesa da Fé e da Moral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, recomendamos a todos os Superiores que as ponham em prática.

Sabemos perfeitamente que o número reduzido de sacerdotes e religiosos é uma das principais razões da penetração destas heresias em nosso meio. Por isto mesmo é necessário recorrer sistematicamente ao auxílio dos leigos, para uma difusão sempre mais ampla da catequese. Formar catequistas leigos, que possam ensinar o catecismo nas escolas, nos centros paroquiais, nas famílias, nas vilas e povoados, nas capelas do interior, é a solução adequada do problema.

Procurem, portanto, todos os nossos educandários promover a sua adequada formação, de acôrdo com as normas em vigor na respectiva diocese, de maneira que ao terminar o curso esteja o aluno habilitado a auxiliar na obra catequética.

Desejamos que se organize quanto antes na nossa Conferência, o Departamento de Imprensa, e que se consolide e incipiente Departamento de Cinema. Consideramos atentamente as dificuldades que surgem no caminho do apostolado do cinema. Aprovamos, e louvamos as instituições que, em estreito entendimento com a autoridade eclesiástica, se esforçam, antes de mais nada, a moralizar o cinema.

Recomendamos a todos os Superiores locais que procurem os filmes de que precisarem no referido Departamento onde êle estiver instalado ou

em funcionamento. Para que os diversos Departamentos e Serviços da Conferência dos Religiosos do Brasil possam continuar a se desenvolver, ampliando-se sempre mais, deliberamos por unanimidade dar uma sede própria à nossa Conferência. As providências tomadas até o momento pela Diretoria, em obediência às deliberações do Segundo Congresso, vêm alcançando pleno êxito, e demonstram a profunda solidariedade que reina entre tôdas as famílias religiosas e a Conferência. Executando o plano aprovado por esta Assembléia, fazemos votos e pedimos a Deus que a sede própria seja quanto antes uma consoladora realidade.

Nas mãos de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Núncio Apostólico, depositamos os sentimentos de nosso reconhecimento e gratidão à Santa Sé e à Sagrada Congregação dos Religiosos, pelo paterno interesse e apóio dado à Conferência dos Religiosos do Brasil. Pedimos a Sua Excelência Revma. que faça chegar ao Santo Padre o Papa Pio XII, mais uma vez, a nossa filial adesão aos seus ensinamentos e desejos.

A Sua Eminência Revma. o Sr. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara, as expressões de nosso reconhecimento pela sua paterna solicitude pela Conferência, cujo primeiro desabrochar S. Eminência presidiu, no Primeiro Congresso dos Religiosos. Ao lado de Sua Eminência, agradecemos a presença, em nossa Assembléia, de S. Excia. Revma. o Senhor Dom Helder Câmara, Arcebispo Auxiliar do Rio de Janeiro e Secretário Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que nos veio trazer a palavra da Hierarquia com referência aos vários temas de ação apostólica que integraram a agenda de nossos trabalhos. Acatamos e reverenciamos esta orientação segura, que será aplicada nas atividades apostólicas que exercem nossos religiosos sob a dependência dos Exmos. Senhores Bispos Diocesanos.

Uma grande esperança se abre para todos nós. A união multiplica nossas forças, a organização racionaliza nosso trabalho, a atualização nos faz compreender melhor os problemas do nosso tempo para melhor afrontá-los. Ao pessimismo e desânimo que alguma vez poderá ter abafado entusiasmos apostólicos, sucede uma atmosfera serena de sadio otimismo que nos estimula para conquistas sempre novas e sempre maiores. Desçam copiosas sôbre a Conferência dos Religiosos do Brasil, sôbre todos os Institutos que a integram, sôbre as comunidades, sôbre os religiosos e as religiosas de tôdas as casas, as mais escolhidas bênçãos da Virgem Imaculada, mãe e riqueza de nossas congregações, a cuja sombra tudo se faz na Conferência.

Seguem as assinaturas dos Superiores Maiores presentes.

RELATÓRIO DA C. R. B.

Apresentado pelo Pe. Secretário Geral
à 1.^a Assembléia Anual dos Superiores Maiores

E' dever da Diretoria da Conferência informar periòdicamente aos Revmos. Superiores e Superiores Maiores sòbre a situação em que se encontra nossa organização, bem como sòbre os planos de trabalho que se encontram em andamento. Nós o fizemos, a última vez, por ocasião do Segundo Congresso dos Religiosos, em Julho do ano passado, ocasião em que apresentamos aos Superiores, inclusive o balanço financeiro da C. R. B.

Nêstes doze meses muito trabalho já se realizou, e muitos frutos de apostolado se vêm colhendo. A Conferência saiu do Segundo Congresso consolidada, com seus estatutos ampliados, com a sua diretoria reconduzida por mais um triênio, e com um conceito firmado na opinião internacional e junto da Sagrada Congregação dos Religiosos. A presença do Eminentíssimo Cardeal Valeri, e a decisão dos Superiores Provinciais, de realizar uma assembléia anual, e de dar uma séde própria à C. R. B., foram, a nosso ver, fatos que deram garantia de continuidade à Conferência, dissipando qualquer dúvida que ainda pudesse existir a respeito.

Dois problemas de importância capital foram solucionados no Segundo Congresso. O primeiro, referente à orientação geral da Conferência. Alguns opinavam no sentido de se organizar uma Conferência dedicada exclusivamente a trabalhos de apostolado, de ordem religiosa e espiritual, sem contacto com os problemas terrenos, financeiros, econômicos, ou semelhantes. A divergência se traduzia no esquema de organização da C. R. B.: só Departamentos, para realizar tão sòmente a atualização, ou manter também os Serviços, para potenciar eficazmente a atualização, mediante uma organização sólida. Chamados a se pronunciar explicitamente sòbre a matéria, os Superiores Provinciais, por unanimidade, decidiram manter os Serviços.

O segundo dizia respeito à limitação geográfica da C. R. B., que poderia se restringir apenas a uma Diretoria e a um secretariado na capital da República, de onde comandaria o movimento em todo o Brasil, entendendo-se com as províncias ou as comunidades religiosas. Ou poderia também se dividir em Secções Estaduais, encarregadas de dirigir o movimento de atualização e organização nas várias regiões do país. Este problema foi colocado à consideração e deliberação dos Provinciais, quando foram chamados a se pronunciar sòbre as Normas para funcionamento das Secções;

e quando se pediu o acréscimo de um capítulo nos Estatutos, regulando em suas grandes linhas o funcionamento das mesmas. Também neste particular foi unânime o pronunciamento dos Provinciais.

Com este magnífico voto de confiança dado pela Assembléia dos Provinciais, que se por um lado foi sobremodo honroso para a Diretoria e para os Departamentos e Serviços, por outro importava em uma grande responsabilidade, saiu a Conferência, do Segundo Congresso, como já havia acontecido do primeiro, com um plano bem concreto de trabalho a realizar.

Em matéria de organização, continuou a ampliação da rede de filiais, por todo o território. São atualmente 72. A fim de facilitar aos Superiores Provinciais e aos seus imediatos, no govêrno das províncias, o Serviço de Viagens principiou a conceder autorização, aos mesmos, para movimentar nossa conta corrente de passagens, nas diversas companhias. Atualmente 11 provinciais estão utilizando as vantagens deste serviço, sem necessidade de recolher às filiais da C. R. B., em cada cidade. Visava, esta providência, dar-lhes maior autonomia e independência, maior facilidade para suas viagens.

No setor atualização, o ritmo de trabalho nestes 12 meses foi intenso. Promoveram-se cursos e semanas de estudos, não só no Rio de Janeiro, como ainda em quase tôdas as Secções Estaduais. Pôrto Alegre, Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Maceió, Recife, Fortaleza. Particular destaque mereceu a Semana de Estudos de Fortaleza, verdadeiro congresso regional, ao qual a Revista da C. R. B. dedicou um número especial, publicando os trabalhos mais valiosos apresentados. Ao lado de Fortaleza, formou Curitiba, com uma quinzena de estudos catequéticos. Idem Salvador, também, com a catequese, e Recife com Serviço Social.

Organizou-se, no princípio deste ano, a Secção Estadual de São Paulo, que se encontra sob a presidência de Frei Celso de São Paulo, Capuchinho, e quase ao mesmo tempo, também a de Belo Horizonte, presidida pelo Pe. Joaquim Parreira, Barnabita. Desta forma está quase completa a organização das Secções. Pensamos que não há necessidade de criar uma Secção em Niterói, para atender ao Estado do Rio. A própria Diretoria nacional pode encarregar-se deste setor. Passamos pouco tempo em Teresina, quando visitamos os religiosos daquela capital, e apenas se esboçou a Secção do Piauí. Pensamos que na próxima visita estará constituída.

A Secção do Rio Grande do Sul ramificou-se por todo o interior do Estado em núcleos locais. A de Curitiba está iniciando o mesmo trabalho, tendo criado o núcleo de Ponta Grossa. Em São Paulo funciona o núcleo de

Ribeirão Preto. No Ceará, vários núcleos se estão organizando no interior do Estado.

Não há nenhuma Secção inativa. Desde Manaus até Pôrto Alegre, do Rio de Janeiro a Corumbá e Cuiabá. Desde o programa mínimo, das reuniões mensais de religiosas, até os cursos de atualização, e a organização dos cursos de preparação de catequistas. Folgamos por encontrar um trabalho catequético intenso em Manaus e Belém, como no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Paraná.

Não nos foi possível visitar as Secções de Goiás e Mato Grosso. Nem sempre a resistência física e o tempo disponível correspondem a tôdas as necessidades do apostolado da Conferência (1).

O pessoal religioso e civil da sede e dos Departamentos da C. R. B. foi bastante enriquecido neste ano, se bem que ainda não na proporção das necessidades. Os Padres Redentoristas, logo após o Congresso, puseram à disposição da Conferência, tempo integral, o Revmo. Pe. Tiago Cloin, doutor em Teologia, professor, durante dez anos no Seminário Maior de Juiz de Fôra. E' o diretor do Departamento das Santas Missões, ao qual deu grande impulso, constituindo a diretoria, articulando-se com as organizações congêneres do exterior, providenciando biblioteca e intercâmbio de revistas especializadas, articulando-se com os seminários maiores e com as congregações missionárias no Brasil, e experimentando trabalhos de conjunto nas missões gerais de Niterói e de Recife, com grande resultado. Além do Departamento das Santas Missões, o Pe. Tiago é o sub-secretário da C. R. B., e atende à formação religiosa e direção dos funcionários civis da sede da Conferência.

O Departamento de Estatística, confiado às Missionárias de Jesus Crucificado recebeu mais duas religiosas, e a sua Diretora, que até o fim do ano passado era também superiora local, hoje é apenas Diretora do Departamento de Estatística, tempo integral na Conferência, não tendo mais encargos na sua comunidade. São ao todo seis irmãs de tempo integral neste Departamento.

O Departamento de Assistência à Saúde, confiado às Filhas da Caridade, conta com duas irmãs e uma funcionária leiga. A Diretora não lhe dá tempo integral, pois atende também à direção da Escola de Enferma-

(1) Numerosos e interessantes detalhes sobre as atividades de apostolado nos foram dados pelos Presidentes das Secções Estaduais, em sessão especial realizada com a Diretoria da C. R. B., durante a Assembléa dos Superiores. As Secções estão fazendo muito mais do que se descreve neste Relatório.

gem Luisa de Marillac. A outra religiosa e a funcionária leiga são de tempo integral.

No Departamento de Serviço e Assistência Social, bem como no de Catecismo, não houve alteração. Na séde da C. R. B., os funcionários civis são 18.

Em novembro do ano passado realizou-se no Rio de Janeiro a semana de vocações, em caráter experimental, para se propor depois às Secções Estaduais. De 4 a 11 de novembro, encerrando-se no dia 18, em conjuntô com a assembléia anual das vocações da Arquidiocese. Pediu-se uma pregação, na abertura e no encerramento, em tôdas as paróquias e capelarias, enviando-se os esquemas dos sermões e o pedido de Sua Eminência o Senhor Cardeal Arcebispo. Organizaram-se programas de rádio e televisão. Numerosos artigos se publicaram na imprensa carioca. Praticamente, ninguém recusou colaboração a esta campanha. Numerosos colégios organizaram conferências e representações, para os seus próprios alunos e famílias. O ponto central da semana foi a Exposição, realizada no salão da A. B. I., com a participação de vários institutos, masculinos e femininos; quadros estatísticos, mapas, fotografias, davam uma visão da situação geral dos religiosos no Brasil, e das atividades próprias de cada família religiosa. A exposição foi muito visitada, particularmente por colegiais.

No princípio dêste ano o Departamento de Assistência à Saúde desenvolveu grande atividade no Rio de Janeiro, tendo reunido as diretoras de tôdas as escolas de enfermagem, e realizando depois uma quinzena de estudos de deontologia, com a frequência de cêrca de 80 religiosas. O Departamento enfrentou, em novembro e dezembro do ano passado, uma luta árdua, de várias semanas, para conseguir o veto presidencial, e depois sua manutenção, ao projeto de lei 2.640, que dispunha sôbre o ensino de enfermagem obstétrica, prejudicando grandemente as enfermeiras. As enfermeiras leigas, lideradas pela ABEn, formaram em um só pensamento com as Religiosas, lideradas pelo nosso Departamento. O êxito foi completo. Atualmentê, o Departamento colabora com a ABEn, no levantamento dos recursos e necessidades da enfermagem, em todo o Brasil, e trabalha assiduamente no desenvolvimento e elaboração da nova lei de enfermagem, que pretende ser uma lei orgânica, sistematizando todo o ensino desta matéria. Ainda não se dissiparam tôdas as dificuldades encontradas no campo da enfermagem. A formação das religiosas, tendência demasiado tecnicista das enfermeiras diplomadas, dificuldade de aglutinação das escolas de enfermagem, distanciadas pelos graus de ensino que ministram, a existência de duas classes sociais organizadas, de enfermeiras e parteiras, em oposi-

ção. Apesar das dificuldades, o Departamento, confiado à experiência das Filhas da Caridade, não só já realizou muito, como ainda trabalha com um programa bem concreto e bem delineado, e o está realizando com eficiência e constância.

O Departamento de Estatística, cujas irmãs se encarregaram de numerosas tarefas do Segundo Congresso, por ser a equipe religiosa mais numerosa a serviço da Conferência com tempo integral, e aparelhada com recursos técnicos suficientes, logo depois liderou a organização da semana de vocações no Rio de Janeiro, e a seguir esteve inteiramente à disposição da Nunciatura Apostólica com seu pessoal e seu equipamento, para elaboração do Anuário Eclesiástico do Brasil. Todos os estudos de área e população, diocese por diocese, foram feitos em nosso Departamento, todos os mapas, a relação de paróquias, a relação nominal dos vigários, e vários outros detalhes do Anuário Eclesiástico, foram preparados em nosso Departamento de Estatística. A parte relativa aos Religiosos, neste Anuário, não foi preparada em nosso Departamento, mas diretamente por funcionárias do Palácio São Joaquim, servindo-se do Anuário dos Religiosos de 1955. Precisamente por razão destes trabalhos extraordinários do Anuário das Dioceses para outubro de 1956, é que a C. R. B. não publicou novo Anuário dos Religiosos em 1956. Tudo está preparado para a nova edição em 1957, com dados recentes, colhidos em inquéritos realizados neste ano. Esperamos lançar a nova edição nos últimos meses do corrente ano.

No dia 18 de setembro do ano passado o Secretário Geral partiu para a Espanha, onde assistiu ao grande Congresso Nacional de Perfeição e Apostolado, realizado em Madrid, de 22 de Setembro a 3 de Outubro, com a participação de religiosos, religiosas, clero secular, e numerosos Bispos, com a presença do Eminentíssimo Cardeal Valeri e do Revmo. Pe. Arcádio Larraona, e numerosos membros da Sagrada Congregação dos Religiosos. Participamos de todas as atividades do Congresso. Entramos em contacto com a Obra de Cooperação Sacerdotal Hispano-Americana, conhecendo seu secretariado, falando demoradamente com o Secretário Geral, Pe. Antônio Garrigos e com o Presidente, o Sr. Dom Casimiro Morsillo. Tratamos da vinda de dois padres seculares para a Diocese de Corumbá, já efetuada, por nosso intermédio, de outros dois para a Diocese de Barra do Piraí, contrato já firmado, e da vinda de uma Congregação de Irmãs, que já se encontra em Juiz de Fora, dirigindo um hospital. Daqui do Brasil, continuando este intercâmbio, já conseguimos, em contrato firmado, a vinda de seis padres seculares, que assumirão a direção do Seminário Diocesano de Caratinga.

Da Espanha, passando por Paris e Munich, onde fomos buscar equipamentos para o nosso Departamento de Cinema, fomos a Roma, onde estivemos pelo espaço de uma semana, tendo podido falar várias vezes com o Revmo. Sr. Pe. Larraona e com o Eminentíssimo Cardeal Valeri, sobre assuntos de interesse da Conferência, sobretudo sobre a nova sede, as novas atividades programadas, e o andamento dos Departamentos e Serviços. Com o Colégio Pio Brasileiro estreitamos relações, funcionando lá um ponto de apoio para a C. R. B., no Movimento Pró-União Sacerdotal, cujas atividades sociais a C. R. B. tem subvencionado, se bem que em proporções ainda modestas.

Em plano internacional a C. R. B., que no II Congresso dos Religiosos em São Paulo, contou com a presença do Revmo. Frei José Miguel Lopez O. F. M. que representava a Conferência dos Superiores Maiores Religiosos da Colômbia, esteve presente também aos trabalhos dos Superiores Maiores daquela Nação, realizados em agosto do ano passado. Naquela ocasião a C. R. B. foi representada pelo Conselheiro Revmo. Pe. João Bosco Rocha S. J.

Também em plano internacional, quando de nossa visita as Secções da C. R. B. no Sul do País, extendendo um pouco nosso campo de ação, fomos até Buenos Aires, onde pudemos assistir a uma reunião da Junta Diretiva do Conselho de Superiores, e outra da Junta Coordenadora, que articula os movimentos do Conselho dos Superiores e do Conselho das Superiores. Conversamos longamente com o Secretário Geral da Conferência Argentina, estabelecendo as bases de um intercâmbio mais estreito entre as duas organizações. Ficou estabelecido o seguinte: fusão do serviço de viagens num serviço único, fazendo uma produção só perante as companhias transportadoras, tendo sido trocadas as cartas necessárias, e estando já funcionando o convênio em algumas companhias, tendo sido pedido em outras; que na assembléia anual dos Superiores, de uma e de outra Conferência, houvesse sempre um representante da Conferência vizinha, preferivelmente com a visita dos mesmos Secretários; que houvesse um intercâmbio dos elementos encarregados dos vários Departamentos e Serviços, em forma de bolsas ou de estágios, correndo as despesas de viagem por conta do país que envia o estagiário, e a permanência por conta do que recebe. Julgamos que este intercâmbio será útil às duas organizações, para uma troca de experiências nos setores que se desenvolveram mais numa ou noutra.

Tivemos oportunidade de entrar em contacto com a Conferência dos

Religiosos da Bolívia, através de um grupo de missionários vindos da Espanha e com destino àquêle país, para uma missão geral em tôdas as cidades mais importantes. Nossa Conferência prestou à êstes missionários em trânsito tôda a assistência, inclusive financiamento de passagens que se tornou necessário. Estas relações estão continuando, tendo o próprio presidente da Conferência Boliviana utilizado já o nosso Serviço de Viagens. Deverá vir brevemente ao Rio, e colheremos esta oportunidade para programar mais assíduo intercâmbio.

Entendemos desta forma dar execução ao plano da Sagrada Congregação dos Religiosos, que deseja realizar uma Conferência Inter-americana de Religiosos como organização paralela ao Conselho Episcopal Latino-Americano, que já está funcionando em Bogotá, fruto da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, celebrada no Rio de Janeiro por ocasião do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional.

Nêste Relatório não é possível omitir um aceno ao desenvolvimento dos Serviços, uma vez que são parte integrante de nossa Conferência. Não prenderemos a atenção dos Revmos. Superiores com uma descrição minuciosa de cada um deles, limitando-nos apenas a indicações de ordem genérica, mencionando números.

O Serviço de Viagens, no período de Janeiro a Dezembro de 1956, encaminhou 4.164 passagens aéreas nacionais e internacionais, e 286 passagens marítimas. A diferença de preço, entre o que teriam pago se não fosse o Serviço da Conferência, e o que realmente pagaram, é de Cr\$ 5.461.021,30. Esta foi portanto, a economia que o Serviço de Viagens fez para os Religiosos que viajaram.

O Serviço de Procuradoria trabalhou, no mesmo período de 1956, com mais de 3.000 processos, de todos os tipos, nos diversos ministérios do govêrno federal. Desde processos de reconhecimento de escolas superiores, aos de naturalização de estrangeiros, até os de recebimento de verbas federais. Dêstes, conseguimos concluir 1.160 processos de verbas, que já foram recebidas, num total de Cr\$ 68.661.024,00. Os demais processos ficaram em restos a pagar, para êste ano. O maior obstáculo que encontramos nêste serviço são os religiosos retardatários na preparação e remessa dos documentos necessários. Pedimos reiteradamente os documentos, desde os princípios do mês de Janeiro. E chegamos sempre ao mês de dezembro com um bom número de superiores que não enviam os documentos, e deixam o processo para ser feito no ano seguinte.

O Serviço de Importação conseguiu fazer vir certo número de máquinas e equipamentos para várias comunidades religiosas, no total de 64

unidades, desde veículos, até máquinas de escrever. Estamos atualmente fechando este serviço, e não mandamos vir mais outras máquinas, nem aceitamos processos de desembaraço alfandegário de bagagem de missionários ou religiosos, trabalho que nos ocupou bastante no ano passado. A razão é que as restrições alfandegárias são cada vez maiores e mais arbitrárias. Cada alfândega aplica a seu modo, os dispositivos legais, cada conferente classifica a seu modo, e o próprio Ministério da Fazenda manda entregar a um a mesma máquina, o mesmo objeto, cuja liberação negou a outro. Não é possível dizer a um religioso que viaja para a Europa, que, voltando, pode trazer isto ou aquilo, porque outro, ao voltar, trouxe, e, em força dos regulamentos vigentes, liberou sem mais dificuldades. Não podemos saber se o caso seguinte, em igualdade de condições com o anterior, vai ser despachado da mesma forma. Nestas condições, todos compreendem que seria muito precário continuar nesta atividade. A Conferência não tem recorrido a influências políticas para solução destes casos, por julgarmos preferível uma posição de absoluta independência frente aos poderes públicos e à política. Quando necessário, damos tôdas as indicações aos religiosos. Mas a Conferência, como tal, não recorre aos poderosos da política, e por esta razão estamos encerrando as atividades do Serviço de Importação, lançando os recursos que nêle aplicávamos, para o Departamento de Cinema.

Nêste ano de 1957, entre 1.º de Janeiro e 30 de Junho, a Conferência, pelo seu Serviço de Viagens, já encaminhou 2.766 passagens aéreas, nacionais e internacionais, e 387 passagens marítimas. Ou seja, no setor das viagens internacionais, já ultrapassamos, em seis meses, o trabalho realizado em doze meses de 1956, e nas viagens domésticas, já fizemos, em seis meses dêste ano, quase dois têrços de todo o movimento do ano passado.

A diferença de preço, entre o que os Religiosos teriam pago, sem o Serviço, e o que realmente pagaram, e de Cr\$ 4.443.253,50. Quer dizer que nêstes seis meses, o Serviço já fêz para os seus viajantes, 85% do benefício realizado nos doze meses do ano passado.

O Serviço de Procuradoria tem no momento a responsabilidade de 3.000 processos, ou seja, tanto quanto tínhamos nos doze meses do ano passado.

Dêstes processos, 1.524 são de verbas federais já requeridas, dêste ano, com documentação completa, 473 não foram requeridos, porque as instituições ainda não mandaram os documentos, 365 são dos anos anteriores, que ficaram em restos a pagar por razão da demora na remessa dos documentos; dêstes processos atrasados, 47, até o momento, estão em branco, pelas razões citadas, 39 são processos de registro de instituições nossas no

CNSS, 599 são processos escolares os mais diversos, dos quais 391 vieram do ano passado, por não se terem podido concluir, e 208 são novos entrados êste ano.

Deixamos de referir sôbre os demais serviços da Conferência, para não alongar demasiado êste Relatório, e sobretudo porque devemos considerar ainda com bastante pausa, a situação financeira da C. R. B. e o empreendimento da nova séde.

A contabilidade da C. R. B. é feita por funcionários leigos, sob a direção imediata do Secretário Geral e a supervisão do Tesoureiro. Informamos frequentemente a Diretoria, nas reuniões mensais, sempre que há qualquer coisa digna de menção, e semestralmente apresentamos balanço e fazemos o orçamento da receita e despesa para o semestre seguinte. Nossa contabilidade distingue, nos balanços, o movimento total da Conferência: serviços, departamentos, iniciativas de apostolado, funcionários leigos e religiosos, e faz o balanço próprio e exclusivo da Conferência em suas atividades de departamentos e de apostolado. O balanço global alcança sempre cifras bastante elevadas, não só por motivos do serviço de procuradoria, como sobretudo pelo serviço de viagens. São alguns milhares de contos que passam pela C. R. B., provenientes das viagens dos religiosos em todos os pontos do território.

Em 1956, de 1.º de janeiro a 31 de dezembro, o movimento total do caixa atingiu de Cr\$ 69.296.713,40. Até 30 de junho do corrente ano, já alcançou Cr\$ 44.447.098,90. Ou seja, o movimento dêstes seis meses foi quase igual ao dos doze meses do ano passado. Na realidade, nestes seis meses, de 1957, o que foi feito, em cursos, secções estaduais, visita a tôdas elas, extensão ao plano internacional, atividades dos departamentos, já está mesmo quase igualando o movimento feito no ano passado inteiro. O índice apontado, o do movimento financeiro, não é absoluto, mas nem por isto deixa de ser muito expressivo. A C. R. B. não movimentou finanças pelo diletantismo de as movimentar. Tudo que faz, é em vista de apostolado, de vida religiosa, da atualização. A organização e os serviços existem em função dos departamentos e da atualização. Devemos dar graças a Deus, com muita alegria, reconhecimento e humildade, porque a Conferência não apenas se vem consolidando, mas vem aumentando continuamente suas atividades e a assistência que presta aos religiosos e religiosas.

Em 1956 o balanço privativo da Conferência em seus departamentos e apostolados, acusou um gasto de Cr\$ 1.228.550,00, puramente em iniciativas apostólicas. Nestes seis meses, estas atividades já absorveram o total de Cr\$ 812.097,10. Isto quer dizer que, nestes seis meses de 1957, já gas-

tamos dois terços das despesas feitas nos doze meses do ano passado. O normal seria termos gasto apenas metade, para continuarmos no mesmo ritmo de 1956. Já gastamos dois terços. Sinal evidente de iniciativas que se desdobram e se ampliam.

Quando saímos do Segundo Congresso, em Julho de 1956, não tínhamos saldo algum. Tôdas as disponibilidades da C. R. B. estavam esgotadas. Nossas atividades continuaram, normalmente, baseadas nos serviços. Encerramos o segundo semestre de 1956 com um saldo de Cr\$ 884.483,90.

Este saldo foi todo absorvido neste primeiro semestre, pois tivemos uma despesa total de Cr\$ 812.097,10. Princípios agora o segundo semestre, com uma disponibilidade de Cr\$ 899.256,70 que é o resultado líquido que os serviços nos deixaram para as atividades dos departamentos e apostolados. Em 31 de dezembro deste ano, teremos consumido este saldo, e passaremos para 1958 com o que tivermos realizado neste semestre em curso. Ou seja, até o momento, a Conferência está consumindo num semestre o que realizou no precedente.

A mim me pareceria perfeitamente normal esta situação, se não tivéssemos outros compromissos senão o de manter as atividades dos departamentos e dos apostolados em que nos envolvemos. Não seria uma situação folgada. Mas é uma situação financeira muito sólida. A Conferência pode fazer sua liquidação a qualquer momento, que tem disponibilidade para encerrar suas contas com tôdas as instituições com que mantem transações.

Acontece, porém, que temos por diante um compromisso muito sério com a aquisição da sede própria, mais ampla, indispensável ao desenvolvimento de nossas atividades.

De tôdas as propostas que estudamos, a que nos pareceu possível à Conferência, foi a do Banco Mineiro da Produção, que está adquirindo um edifício de cinco pavimentos, situado na Rua Senador Dantas, na Cinelândia, e passará à C. R. B. a propriedade do terceiro, quarto e quinto andares. O edifício mede 350 ms² de área construída por andar, o que nos daria um espaço de 1.050 ms². Para fazermos uma idéia de como ficaremos, basta considerar que na sede atual à Rua Farani, o espaço disponível não chega a 90 ms². O imóvel é construção sólida, de cimento armado, embora seja um edifício de vinte anos, e está ocupado por inquilinos que nele residem em apartamentos. Os atuais moradores, na maioria, não têm contrato, e são proprietários de outros imóveis na cidade. O preço dos 3 andares da C. R. B. seria de doze milhões de cruzeiros, dos quais pagaríamos 30% no ato da escritura, ficando os restantes 70% para pagamento a prazo longo, a juros de caixa econômica, financiados pelo Banco Mineiro da Produção. Está

ainda por decidir, em negociações pendentes, se o prazo será de 10 ou 15 anos, e se os juros serão de 10% ou 12% ao ano. Na pior das hipóteses, de 12% em 10 anos, teríamos a seguinte pauta de pagamentos: Cr\$ 3.600.000,00 na assinatura da escritura e 120 prestações mensais de Cr\$ 120.540,00, perfazendo um total de custo do imóvel, no prazo de 10 anos, capital e juros, de Cr\$ 18.064.800,00. Nisto não incluímos o necessário para limpeza e reforma do prédio, antes de nele se instalar a C. R. B. O imóvel é suficientemente amplo, para receber todos os atuais serviços da C. R. B. e tudo que funciona atualmente à rua Farani, com espaço ainda para uma pequena capela, podendo-se utilizar um dos andares para funcionamento de restaurante, dividido em duas secções, para religiosos e religiosas, com uma sala de estar com telefone, máquina de escrever, material de escritório, etc., para uso de religiosos que se encontram no centro da cidade resolvendo negócios de suas comunidades.

Os Superiores e as Superiores Provinciais, na reunião de Julho passado, deliberaram que as províncias é que pagariam a sede própria da Conferência. Nosso Departamento de Estatística elaborou então um plano, tomando por base o número de casas existentes em cada província, entre as quais se dividiu, aritmeticamente, o capital previsto de dez milhões de cruzeiros.

Em 15 de agosto de 1956 enviamos a todos os Provinciais uma circular, com este plano. Posteriormente, nos últimos dias do ano, enviamos uma segunda cópia, aos que ainda não tinham respondido, por não saber se a primeira lhes tinha chegado às mãos ou não. Nossa Revista, em seu número de 1.º de fevereiro deste ano, publicou a relação das Províncias que tinham enviado suas quotas, até 29 de dezembro de 1956. De lá para cá, a situação alterou um pouco, conforme os quadros demonstrativos que todos tivemos oportunidade de examinar nestes dias. As Congregações masculinas enviaram até o momento Cr\$ 1.034.270,00 e as Congregações Femininas Cr\$ 2.235.210,00. Os compromissos, com data certa ou não, assumidos até o momento, chegam a Cr\$ 1.323.730,00. Faltam portanto, para o capital previsto no plano inicial, a importância de Cr\$ 5.088.990,00. Nosso plano atingiu a 359 províncias que nos eram conhecidas na ocasião em que foi elaborado. Faltam ainda as respostas de 108 províncias, e 25 províncias novas que foram criadas depois do plano. 28 províncias não aderiram à iniciativa.

O capital já integralizado é suficiente para dar a entrada inicial pedida pelo Banco. Mas estamos desprovidos para o pagamento das prestações mensais que se deveriam seguir e para as reformas imediatas indis-

pensáveis. Temos necessidade, inicialmente, de pelo menos Cr\$ 4.000.000,00 e só temos em caixa Cr\$ 3.269.480,00. Há necessidade portanto, ainda neste semestre, de Cr\$ 730.000,00, e mais as prestações mensais, que começarão a vencer 30 dias após a assinatura da escritura. O resultado alcançado até o momento é sobremodo promissor, principalmente se considerarmos que a Diretoria da C. R. B. apenas enviou a primeira circular, comunicando o plano, e depois uma segunda via, para os que não responderam da primeira vez. A idéia da sede encontrou inteiro apóio por parte das províncias. O capital realizado é resultado de apenas um ano de trabalho, em que não se importunou a ninguém. Nenhum provincial recebeu correspondência alguma da C. R. B., com insistência de qualquer forma. Tudo se fez até hoje da maneira mais espontânea. E é de se notar ainda que estávamos levantando capital para uma sede que concretamente ainda não tínhamos em vista. Hoje temos um negócio em mãos, em ótimas condições, bem concreto e positivo.

Se a Conferência não tivesse que manter os Departamentos e as iniciativas de apostolado, não seria problema algum para nós a aquisição da sede. Bastaria, das Províncias, êste capital inicial para entrada. As prestações mensais poderiam correr por nossa conta, aplicando-se integralmente na sede a renda líquida dos serviços. Ninguém deseja, entretanto, esta solução, certamente, porque seria paralisar as atividades da Conferência, durante muitos anos, ocupando-nos somente em pagar a sede. Só recommearíamos a trabalhar daqui a uns 10 anos pelo menos. E' necessário adquirir a sede, sem interromper nem diminuir nenhuma das iniciativas de apostolado que se encontram em curso.

Para completar o capital, garantindo o pagamento regular das prestações mensais, poderemos adotar algumas medidas, cujo exame proponho à consideração dos Revmos. Superiores Maiores.

Poderíamos, antes de mais nada, urgir um pronunciamento das Províncias que ainda não o fizeram. A seguir, interpelaríamos as províncias novas, criadas de Julho para cá. Não creio, porém, de muito resultado êste caminho. Quem não se pronunciou logo, é porque não está em condições de contribuir para a sede, e as províncias novas se encontram habitualmente em não pequenas dificuldades financeiras.

Devemos reconhecer que o plano inicial elaborado pela Diretoria da C. R. B., partindo do número de casas de cada Província, se era o único possível para nós, não é evidentemente o mais razoável. Uma província de irmãs, com 10 orfanatos ou obras por administração, com irmãs percebendo 200 ou 500 cruzeiros mensais, tem menor capacidade do que outra

província, com apenas duas casas, mas que são colégios florescentes, com alunos todos pagantes. Não tem, entretanto, a Diretoria, elementos para conhecer da capacidade financeira de cada província associada à C. R. B. Nem deseja procurar êstes elementos, porque nada temos a ver com o problema. Por isto mesmo, fiéis às deliberações da assembléia dos Provinciais em 1956, concordamos sempre com as razões apresentadas pelos Superiores que examinaram o plano de contribuições e nos contestaram.

Levando em consideração êstes dados, e não esquecendo a impressão psicológica que causa num Superior o pedido de uma contribuição avultada, de algumas dezenas de contos, considerando ainda que o problema da entrada inicial, sem dúvida o mais difícil — já está quasi resolvido, creio que a melhor solução seria pedir aos Superiores e Superiores Provinciais um compromisso de uma contribuição anual pequena, por Província, oscilando entre quatro e oito mil cruzeiros. São 359 as províncias que entraram no plano inicial. Com uma contribuição mínima de quatro mil cruzeiros por ano, teríamos o total de Cr\$ 1.436.000,00 suficiente para o pagamento das mensalidades. Como algumas não poderão contribuir nem com esta importância, seriam supridas por outras, em melhores condições financeiras, que contribuiriam com 5 ou 6 mil cruzeiros. Esta contribuição é pequena, não pesa sobre ninguém, e resolve satisfatoriamente o problema de nossa sede.

Atualmente as iniciativas, às quais a Conferência está dedicando o melhor de seus esforços, em plano nacional, são duas: as semanas de vocações, que se devem repetir em tôdas as Secções Estaduais, e a formação de catequistas leigos. O ideal é transformar tôda ex-aluna das nossas religiosas, em catequista. Concluintes do curso ginásial, do colegial, clássico ou científico, do normal, das faculdades de filosofia, das escolas de serviço social, das escolas de enfermagem: tôdas, com o certificado ou diploma civil, deverão receber também o diploma ou certificado de catequistas. Para isto a Conferência promove, a partir desta assembléia, um concurso nacional entre as religiosas formadoras de catequistas, com valiosos prêmios.

Êste relatório não é completo. Nem mesmo tivemos esta intenção. Há muita omissão, no que se refere ao trabalho dos Departamentos e das Secções Estaduais. Quisemos apenas informar aos Revmos. Superiores e Superiores Maiores, sobre os principais problemas de apostolado que tivemos em mãos, desde a última assembléia. Sobretudo aquêles problemas diante dos quais é necessário assumir uma posição unida, para alcançarmos eficiência.

E' indispensável uma palavra de agradecimento, ao final dêste relatório. Omiti-la seria cometer uma injustiça. Agradecemos antes de mais nada às Exmas. Autoridades Eclesiásticas, que têm dado à Conferência dos Religiosos provas de simpatia e confiança, desde a Sagrada Congregação dos Religiosos, do Eminentíssimo Cardeal Valério Valeri e Revmo. Pe. Arcádio Larraona, ao Exmo. Senhor Núncio Apostólico, ao Eminentíssimo Cardeal D. Jaime de Barros Câmara e seus Bispos Auxiliares, com quem mantemos estreito intercâmbio.

Nosso agradecimento a tôdas as Famílias Religiosas, com as quais podemos contar sempre, para as coisas fáceis e também para as que custam. Os edificios que foram colocados à disposição da C. R. B., na sede central, nos Departamentos, os ambientes que foram cedidos nas Secções Estaduais e nas Filiais de Serviços, os Religiosos que trabalham na Conferência, desde a sede central da Rua Farani, até os mais longínquos recantos de Uruguaiana, de Cuiabá, Vitória e Salvador, a Cruzeiro do Sul e ao Amapá. Nós não sabemos quantos são os religiosos que desempenham alguma função na Conferência, desde os que trabalham tempo integral, até os que dispensam horas ou momentos aos interesses da causa comum. O Departamento de Pessoal da Conferência, quando se criar, terá que manter seus arquivos atualizados com algumas centenas de fichas. Tudo isto que os homens vêem e reconhecidos agradecem, e tudo aquilo, que é muito mais ainda, que os homens não vêem, mas que Deus Nosso Senhor registra no livro da vida, é objeto de nossa profunda gratidão.

Nem esquecemos os leigos que trabalham na Conferência, identificados com seus ideais e seus problemas, e dando-lhe todo o seu tempo e todo o seu trabalho. Muito se tem falado e se fala continuamente em apostolado leigo, integração do leigo nas responsabilidades da Igreja, prolongamento da atividade do sacerdote nos auxiliares leigos. A Conferência conseguiu, no grupo de funcionários que formou, a realização plena dêstes ideais. Nenhum dos nossos funcionários pensa em deixar a Conferência, e todos aquêles que não puderam continuar trabalhando conosco, nos deixaram com pesar.

Que as bênçãos da Virgem Santíssima continuem fecundando os apostolados da Conferência, para sempre maior expansão da vida religiosa no Brasil.

Rio de Janeiro, 15 de Julho de 1957

Pe. Irineu Leopoldino de Sousa - S. D. B.
Secretário Geral

A SERVA DE DEUS ROSA GATTORNO

Traços Biográficos — Obras — Rápida Expansão do seu Instituto

por uma filha de Sant'Ana

O século XIX assinala uma época de marcantes contrastes. Mas a despeito de lutas acerbadas da impiedade contra a religião, o sobrenatural conseguiu sobrepujar o ateísmo.

Verdadeiros prodígios de caridade, concretizados no florescimento das obras sociais sobrenaturalizando a ação e o aparecimento em número avultado, de santos autênticos, fizeram frente à negação do Divino e Deus provou de modo insofismável, nesta página gloriosa da Igreja, que Ele é soberano Senhor do Universo.

Foi neste período de violência e fortes incompreensões, que, atendendo ao imperativo da graça, Rosa Gattorno fundou o Instituto das Filhas de Sant'Ana, ao qual costumava chamar "**L'Opera di Dio**".

Revendo as fontes.

Em 1827, Francisco Gattorno, procedente de ilustre família genovesa, uniu-se com laços matrimoniais a uma sua conterrânea, viuva, jovem ainda, Adelaide Campanella. Ele, pertencente às primeiras famílias da sociedade, era comerciante honesto e laborioso. Ela, de família não menos ilustre, era piedosíssima e muito caridosa.

Abençoado o matrimônio na Paróquia de Nossa Senhora da Consolação em Gênova, aos 20 de Junho de 1827, aí fixaram residência.

Favorecido pelos bens da fortuna, este ótimo lar foi enriquecido com seis filhos: Emmanuel, Rosa, Justina, Frederico, Luisa e Francisco.

Na casa Dealbertis, que ainda hoje se vê, à Praça São Bernardo, distinta em seu estilo sombrio, nasceu a segunda filha do casal, no dia 14 de Outubro de 1831 e no mesmo dia foi batizada na Paróquia de São Donato, sendo-lhe impostos os nomes de **Rosa Maria Benedetta**.

Impedida por motivo de saúde, de dispensar os necessários cuidados à recém-nascida, a Sra. Adelaide, segundo o costume daquêle tempo, confiou sua pequena Rosa a uma ama nutrícia de Ovada, lugar de clima recomendável.

Aquela criança inocente sôbre a qual Deus tinha altos desígnios, deixava transparecer em seu semblante, de um encanto celestial, o tesouro preciosíssimo da graça que a Providência Divina implantara em seu coração.

A história desta grande confortadora de corações, desta heróica amiga dos enfermos, bem correspondeu às primordiais impressões. E' que Deus muitas vêzes se compraz em assinalar o destino dos santos desde o momento em que os introduz no mundo.

Desnecessária que foi a assistência da ama, a encantadora criança voltou ao lar paterno. Objeto da ternura e dedicação dos que lhe eram caros e que souberam plasmar-lhe o coração com requintes de bondade nunca degenerados em fraqueza, ia crescendo essa menina privilegiada num ambiente sadio e mui propício ao robustecimento de suas virtudes inatas. Nesta família exemplarmente cristã, a educação dos filhos era confiada à vigilância da piedosa mãe que, com palavras e exemplos infiltrava naqueles tenros corações a piedade religiosa, antes de qualquer outro aprendizado útil.

Nada de particularmente notável encontramos na primeira infância de Rosa.

Olhando para o alto.

A casa dos Gattorno, entretanto, devido à agitação política daquele tempo, foi objeto de aventuras dolorosas que influíram sinistramente sôbre o ânimo dos meninos.

Faz mistér notar que a Senhora Adelaide Campanella, não obstante ser tão boa e piedosa, tinha um irmão, Frederico, animado de sentimentos completamente opostos aos seus. Êste, quando estudante de jurisprudência na Universidade de Gênova, estreitou amizade com José Mazzini e, de tal forma se apaixonou por suas idéias políticas, que, com elas absorveu também os êrros da religião.

Frederico Campanella, com dois outros jovens, instituiu em Gênova um comité da "Jovem Itália" fundada por Mazzini, em Marselha. Trabalharam os três com afinco para difundir aquela instituição e prepararam, secretamente, uma insurreição que deveria explodir em Gênova em princípios de 1833. Entretanto, tendo chegado às autoridades do govêrno a no-

tícia da conspiração, muitos dos implicados foram rigorosamente justicados na Praça de Cava e, um dos amigos mais íntimos de Frederico, Jacopo Ruffini, desesperado, suicidou-se no cárcere da torre do palácio ducal. Não se sabe como Frederico Campanella ludibriou as investigações da polícia e refugiou-se em casa dos Gattorno. Disfarçado em marinheiro, com a face e as mãos enegrecidas de alcatrão, conseguiu embarcar em uma nave que estava prestes a zarpar para Marselha.

Quando se desenrolaram estes acontecimentos Rosa contava apenas dois anos e seu irmão Frederico, seis, o que não lhes permitiu compreenderem o agravante da situação. Estes fatos, porém, tiveram grande influência na formação moral dos meninos que, ao frequentarem a escola primária, a encontraram infecta de turbulências sectárias. As notícias do tio que, durante 15 anos viveu foragido sem poder pôr os pés na Itália, acenderam naqueles corações infantis admiração entusiasta por essas idéias novas. Frederico a elas se entregou perdidamente, logo que atingiu a idade juvenil, abraçando por causa do tio, uma vida sectária e irreligiosa, sob pretexto de reivindicações políticas.

Uma previsão.

Nessa época, um episódio ressalta na vida de Rosa.

Mons. João Maria Ferretti, mais tarde cardeal e, em 1846, Pontífice Romano, passando por Gênova, fez uma visita à casa dos Gattorno. Conversando com a Senhora Adelaide em presença de Rosa, de tenra idade ainda, sentiu-se misteriosamente impressionado e disse: "Cuide com esmero desta criança que, mais tarde, deverá ir ter comigo por várias vêzes".

Trinta anos após esta afirmação profética, Rosa teve que ir a Roma para conseguir de Pio IX a memorável audiência que decidiu a fundação do Instituto das Filhas de Sant'Ana e deu início entre o Santo Pontífice e a Serva de Deus, a uma estreita relação de trabalhos em pról da Igreja.

Primeiro contacto com o infinito.

Aos 11 anos, cuidadosamente preparada pela piedosa mãe, Rosa foi admitida à primeira Comunhão e, logo após, no dia 19 de abril de 1843, recebeu o sacramento da Crisma. Estes acontecimentos imprimiram particular maturidade no caráter da menina. A inteligência precoce da criança fê-la participante de todos os acontecimentos da casa pela admirável influência que exercia sobre os irmãos. Com indizível generosidade privava-

se, muitas vêzes, do supérfluo para satisfazer os inocentes caprichos dos irmãos e isto os fazia muito amigos de Rosa e dóceis a seus conselhos. Sua querida mãe, quando atacada de grave enfermidade, encontrou nela o maior confôrto. Delicada em prevenir e ocultar tudo o que pudesse afligir sua genitora de caráter extremamente sensível, Rosa tornou-se sua confidente, em cujo coração a boa senhora derramava tôdas as suas dores e alegrias. Nessas confidências a boa filha hauriu preciosas diretivas para a vida, o que mais tarde muito lhe serviu e lhe proporcionou frutos consoladores.

Sua incansável dedicação com os de casa deixava antever a rara habilidade e caridoso heroísmo com que, futuramente, se votaria ao tratamento dos enfermos. Acostumou-se desde cedo, à sábia distribuição do tempo de tal forma que pôde sempre se dedicar à oração, praticar obras de caridade e ensinar o catecismo, sem prejuizo de seus deveres sociais.

Este ideal de dedicação aos humildes sulcou, nela, desde então, o traço característico de sua personalidade. Seu talento e fina educação, longe de lhe servirem de estímulo à vaidade, desenvolveram em seu espírito um critério todo cristão sôbre o valor da vida, que ela começou a sentir tanto mais preciosa, quanto melhor despendida em benefício do próximo.

Reafirmando valores.

Mas o caráter de Rosa se firmou verdadeiramente cristão, distinguindo-se mesmo por uma fé robusta e filial amor à Igreja, ao contacto com os revolucionários, quando, de volta do exílio, Frederico Campanella, com suas idéias maçônicas e republicanas, atraiu a si os irmãos de Rosa.

Sua amizade com Mazzini e Garibaldi deu a esta, oportunidades frequentes de falar-lhes, de tomar parte em suas conversações de caráter político-religioso. Apesar de muito jovem enfrentou com admirável coragem êstes homens eruditos, sem jamais se curvar a suas idéias ímpias.

Sua incomparável intrepidez e segurança, num debate sereno e delicado, imprimia-lhe um cunho de superioridade e conquistava a estima e admiração de seus adversários.

Em tais circunstâncias, já se sentia bem definida a personalidade da Serva de Deus. Já se admirava nela o perfeito contrôle, aquêle justo equilíbrio que admiramos nos santos, cujo segrêdo se encontra na fidelidade à graça, que se reflete numa vida tôda de renúncia e votada ao transcendental.

Albores de um ideal.

Jovem da sociedade, aproveitava todo o tempo livre, para dar expansão à sua caridade, visitando e confortando os pobres enfermos nos hospitais. Mantinha estreitas relações com Religiosas de Institutos dedicados à assistência social, recentemente fundados, e sentia tanta consolação nesses entretenimentos que, por vêzes, pensou ser chamada pelo Senhor à vida religiosa. Dócil, entretanto, à orientação de seu Diretor espiritual e para satisfazer o desejo de seus pais, Rosa renunciou ao sonho que acariciava, aceitou a idéa do matrimônio e esforçou-se por conseguir obter as virtudes que caracterizam a espôsa e mãe verdadeiramente cristã.

Sendo o sacrifício a viga mestra de sua espiritualidade, apesar do ambiente de conforto e mesmo de luxo em que decorreram os dias de sua infância e juventude, nunca perdeu de vista a finalidade da vida.

Sonhos desfeitos.

Não obstante ignorar que Deus lhe preparava no estado conjugal uma vida tôda tecida de duríssimas provações — princípio e escola de virtudes heróicas — teve uma visão bem nítida das lutas que deveria sustentar nesse estado que exigia a renúncia à sua liberdade e aos seus gostos, para não só suportar, mas até abraçar com alegria, as tendências de outro coração que ela deveria orientar para o bem.

Assim aos 5 de Novembro de 1852, no palácio residencial dos Gattorno, Rosa, com 19 anos de idade, se unia em matrimônio ao seu primo Jerônimo Custo, de 23 anos de idade e de idêntica condição social. Preparada para o casamento, como para uma sequência intermínua de dificuldades, não foi ludibriada em suas previsões.

Reticências de felicidade.

Em Marselha, onde se encontrava em viagem de nupcias, deu-se a falência comercial do marido e êste incidente, que muito sofrimento ocasionou aos jovens esposos, trouxe ainda o afastamento dos sogros de Rosa. Entretanto, o nascimento da primeira filhinha que na pia batismal recebeu o nome de Carlota Francisca Maria, lhes trouxe dupla alegria por ter sido o laço de aproximação dos avós paternos. Mui rápido, porém, foi êste vislumbre de felicidade porque, acometida de misteriosa

enfermidade, à qual sobreviveu, a pequenita ficou para sempre fadada à triste condição de surdo-muda.

Rosa teve mais dois filhos: Alexandre e Francisco.

O Sr. Custo conseguindo, em parte, refazer os prejuízos que tivera, proporcionava à família todo o conforto. No entanto, o seu temperamento colérico e violento foi causa de grandes sofrimentos à dedicada espôsa que tôdas as noites se recolhia em fervorosa oração para pedir ao bom Deus lhe desse força para suportar tão rude provação.

Após o nascimento do terceiro filho, o Sr. Custo, vítima de uma tuberculose pulmonar, ficou preso ao leito, assistido sempre pela espôsa com indizível caridade. Plenamente conformado e confortado com os sacramentos, graças à dedicação de sua espôsa, Jerônimo Custo faleceu aos 9 de março de 1858.

No cadinho da provação.

Viuva, contando apenas 26 anos de idade, Rosa, tôda confiada em Deus, conduziu os 3 filhinhos ao altar da Virgem Dolorosa e, entre lágrimas, entregou-os à sua maternal proteção.

Foi com êste rude golpe que a Divina Providência traçou os caminhos de Rosa. A morte do marido deu início a uma vida nova pelas terríveis imolações e pela amplitude da empresa a que era destinada.

Já bem provada por tôda sorte de humilhações, para cúmulo de suas angústias, três meses após a morte do marido, sofreu o acerbo golpe da perda do último filhinho que contava apenas sete meses.

A fragrância de Cristo.

Rosa, porém, se educára na escola do Crucificado. As últimas desventuras sulcaram na alma da Serva de Deus, os mistérios da cruz, e lhe sugeriram os desígnios de sua santificação.

Quís se consagrar a Deus com voto perpétuo de castidade, mas só obteve permissão para fazê-lo por um ano. Cingiu ao peito uma cruz ponteguda de uns sete centímetros, conservando-a sempre tão apertada a ponto de penetrar na carne.

Dedicando-se com todo o fervor às obras de caridade para com o próximo, foi sentindo aos poucos arrefecer-lhe no coração todo o afeto terreno e nêle se avivar a chama do divino amor. Entrou na Ordem terceira de São Francisco e era tal o atrativo que sentia pelas penitências aflitivas que,

se não fosse a obediência, teria reduzido seu corpo a uma verdadeira chaga.

Certa vez, enquanto estava em adoração diante de Jesus Sacramentado, sentiu-se absorta numa viva percepção do sangue de Cristo, experimentando ao mesmo tempo sentimentos inefáveis de íntima união com Deus. Este fato repetiu-se por várias vezes, até que ela compreendeu bem que deveria purpurejar-se com seu sangue, pelas asperezas corporais, para se unir mais íntimamente ao seu Deus Crucificado.

Ao término desse ano memorável, na novena da Imaculada, foi-lhe concedida permissão de fazer o voto perpétuo de castidade e obediência.

Outros caminhos.

Terríveis eram as tribulações na vida de família. Angústias sem fim lhe vinham por parte dos sogros que, absolutamente, não concordavam com a austeridade do padrão de vida a que ela se entregava. Seu irmão Frederico, sectário acérrimo da maçonaria e aferrado sequaz de Garibaldi, não a fazia sofrer menos. Necessitada de forças para vencer estas tribulações e num veemente anseio de alimentar a intensa chama do amor de Deus pediu e obteve permissão para aumentar suas penitências.

Desde o nascimento de seu filho Alexandre, contando 25 anos de idade, ela se impoz, por voto, a um jejum perpétuo, voto este que ela cumpriu até à morte. Tôdas as noites se disciplinava pelo espaço de dois Miserere e De Profundis. Punha pedrinhas nos sapatos para magoar os pés e perseverou nesta penitência durante os 8 anos de sua viuvez. Costumava passar ortiga na pele para mortificar o tato. Abstinha-se do uso do aquecedor durante o inverno, chegando a ponto de ser acometida de vertigens pelo grande frio que sentia.

Com propósito deliberado fazia o que lhe causava repugnância, procurando mesmo sentir tôda revolta da natureza. Após reiterados pedidos, alcançou do confessor permissão para usar um colête de pele todo eriçado de pontas de ferro. Trazia também os braços e as pernas cingidos por correntes ponteagudas. Conseguiu até encontrar meios para mortificar a cabeça e os pés. O suplício mais doloroso porém, era o que lhe ocasionava uma corrente grossa, com as extremidades em ponta, que ela usou até a véspera de sua morte.

Terríveis combates teve que sustentar contra as sugestões diabólicas. Estas foram as mais duras provas por que passou.

Tantas austeridades e sofrimentos morais abalaram sériamente a saúde de Rosa. Esta alma privilegiada ascendeu tão alto na purificação de

si mesma e na união com Cristo, que os arreouos de suas aspirações eram do estilo dos grandes santos com ressaibos da loucura da cruz.

Na festa da Imaculada do ano de 1862, finalmente, foi-lhe concedido fazer o voto de pobreza.

As muitas penitências e orações assíduas não a impediam de pensar nos outros; tanto que grande admiração despertava em Gênova a operosidade daquela senhora que estava sempre presente nas instituições de beneficência e onde quer que a caridade a reclamasse.

Inicialmente dedicou-se à educação dos filhos os quais amava com excesso de ternura. A figura da viuva Custo dava a todos os de sua convivência a impressão de uma pessoa elevada acima do nível mesquinho e material da vida, evidenciando um caráter humilde e tenaz, no qual dominavam o amor e o ideal de um bem superior. Nela admiravam ainda aquela resignação invulgar e serenidade angélica com que fazia frente às mais dolorosas provações. Tão peregrinas virtudes atraíram, naturalmente, à Serva de Deus muitas senhoras da sociedade genoveza que dela se consideravam amigas íntimas e afetuosas discípulas, sentindo-se felizes por serem suas colaboradoras nas obras mais humildes de caridade.

Pelos meados do século XIX florescia em Gênova muitas associações religiosas fundadas, justamente, para avivar a fé e remediar as desordens decorrentes das revoluções político-religiosas.

Rosa Gattorno compreendeu facilmente esta situação tanto mais que o anticlericalismo se fazia sentir entre os de sua convivência. Dando grande aprêço aos pios sodalícios fundados por sacerdotes esclarecidos, neles tomou parte com grande alegria, e consigo levou também muitas amigas, almas fortes e generosas que a ela se afeiçoaram como se fossem irmãs.

Enlevos pela Eucaristia.

Entre as pias uniões estabelecidas para o culto, as eucarísticas tinham a preferência de Rosa, assídua adoradora que era do SS. Sacramento.

Certa noite, passando diante de uma Igreja que já se achava fechada, ardendo em desejos de se entreter com Jesus Sacramentado, ficou um instante parada sem saber o que fizesse quando, misteriosamente, a porta se abriu e ela entrou na Igreja, fechando-a atrás de si. Prostrada diante do Senhor, Rosa abismou-se por tal forma na oração, a ponto de não se aperceber do adiantado da hora. Na manhã seguinte, entrando o sacristão para abrir a Igreja ficou muito perturbado ao encontrar aquela senhora ali. A Serva de Deus tranquilizou-o com estas palavras: "Não se alarme, sou a

Gattorno. Desejosa de fazer um pouco de oração entrei aqui, ontem à noite, e fechei a porta”.

Os começos.

Em várias associações, Rosa encontrava campo vastíssimo para o apostolado.

D. José Frassinetti, sacerdote culto, de ânimo corajoso e incansável, zelosíssimo vigário de Santa Sabina, fundou, 1856, em sua paróquia, a Pia União das Filhas de Maria, associação destinada às desejosas de viverem no mundo como religiosas, cujo berço havia sido Mornese, em 1855 (não se deve confundir essa Pia União com a Pia União das Filhas de Maria agregada à Primária de Santa Inês, em Roma). O regulamento da nova associação, elaborado por uma jovem de 18 anos, fôra corrigido e quase totalmente organizado pelo Padre Frassinetti. Dêsse regulamento guardavam as agregadas o maior segredo, querendo experimentar-lhe o êxito antes de divulgá-lo, a fim de evitar críticas e censuras que nunca faltam às novidades, ainda que sejam boas e santas.

Nesta Pia União eram admitidas de preferência jovens solteiras, mas aceitavam também senhoras viúvas, de boa vontade, resolvidas a conservar a castidade. Rosa com sua amiga, a Marquesa Isabel Lambo-Doria, entraram resolutas nessa associação que se difundiu, rapidamente, por várias paróquias de Gênova, formando, entretanto, grupos pouco numerosos. O setor do Padre Torpete, presidido pelo próprio D. Frassinetti, era a parte central da Pia União. Rosa frequentava êste centro do qual era presidente sua amiga Isabel Lambo-Doria, tomando parte ativa em todos os trabalhos. Por tal sorte foi apreciada sua operosa habilidade que, em 1864, por desejo do Sr. Arcebispo, teve que aceitar a presidência geral da Pia União.

Além desta Pia União das Filhas de Maria, florescia em Gênova a Pia Associação em honra de Maria Imaculada, pela conservação e incremento da fé católica, fundada em 1851 pelo mesmo D. José Frassinetti. Esta instituição dedicava-se à difusão dos bons livros, ao amparo das crianças periclitantes e mantinha a adoração contínua do SS. Sacramento.

Rosa fazia parte de tôdas essas obras, exercendo, mal grado seu, o cargo de vice-presidente das crianças desvalidas.

Divulgando uma idéia.

Por seu espírito de altíssima caridade conseguiu atrair outras se-

nhoras genovesas à Pia União das Filhas de Maria e descobriu nelas um espírito de piedade profunda, ávido de se elevar à perfeição e desejoso de trabalhar pela glória de Deus. Concebeu, então, a idéia de viver com elas sob a observância de uma regra e comunicou suas aspirações ao seu confessor D. José Firpo o qual, convencido de que sua filha espiritual era objeto de graças extraordinárias, aprovou-lhe o intento.

D. José Frassinetti, animado com o bem que faziam algumas das Filhas de Maria escolhidas por êle, entre as mais humildes, e preparadas para viverem em comum como Ursulinas, no século, desejou fundar idêntica instituição para senhoras da sociedade, mas fracassou-lhe o plano. Rosa Gattorno, porém, conseguiu realizá-lo. Entrando num acôrdo com suas amigas formou um pequeno mas possante grupo que era como que o fermento no meio das diversas Pias Uniões. Chamavam-se, então, Ursulinas, segundo o costume de Gênova para designar senhoras que, sendo quase tôdas casadas, viviam sob uma regra de vida religiosa no mundo e não se confundiam com as Ursulinas da Companhia de Sta. Angela de Merici. Formavam uma família religiosa à parte, com reuniões próprias e normas comuns de vida espiritual. Rosa foi escolhida por tôdas para superiora.

A autoridade eclesiástica tinha conhecimento dessa instituição e observou a experiência do regulamento por um ano inteiro, ao término do qual o Sr. Arcebispo, Mons. Charvaz, aprovou oficialmente a nascente congregação, elegeu como superiora a Gattorno e confiou a direção espiritual a D. Luiz Botti.

Transbordando de fervor, Rosa teria desejado que ao menos algumas das Ursulinas se dessem totalmente à associação para o exercício das obras de zêlo e se desvincilhassem das obrigações de família o quanto lhes fosse possível; mas as circunstâncias de suas amigas eram um tanto diferentes das suas, e, talvez elas não fossem também animadas da mesma coragem, do mesmo espírito de sacrifício e do cego abandono em Deus, de que era cumulado o coração de Rosa.

Faz-se mister salientar, que ao aceitar o cargo de Presidente das Filhas de Maria Imaculada, Rosa o fez em obediência a Mons. Charvaz com o qual manteve sempre estreitíssimas relações de amizade, dando-lhe o melhor de seu apôio moral, apesar da situação difícil em que êle se encontrava por causa das diversas opiniões políticas que dividiam as senhoras genovesas. Rosa, que na própria família tinha homens de sentimentos muito opostos aos da Igreja, colocou a estima e dedicação a seu bispo acima de todo o interêsse ou competição política.

Valor de uma influência.

D. José Frassinetti, acabrunhado pela recusa à aprovação da regra da Pia União, valeu-se dessa aproximação de Rosa, para conseguir de D. Charvaz o que antes lhe havia sido negado.

Rosa aquiesceu com simplicidade ao pedido e dirigindo-se ao Arcebispo, apresentou-lhe a regra pedindo se dignasse aprová-la. Apenas a leu, Mons. Charvaz disse que a conhecia e não se sentia de aprová-la enquanto nela não fosse cancelado tudo o que lhe desagradava, e deixou transparecer certa dúvida sobre as disposições do Pe. Frassinetti. A Serva de Deus procurou dissipar aquêlre receio e perguntou, com insistência, quais eram as correções que desejava.

“Desejo, respondeu o Arcebispo, que a senhora adivinhe o que me desagrada nesta Regra. Vá para casa e volte depois que fizer a correção”.

Chegada que foi à casa, Rosa se recolheu a seus aposentos e depôs a Regra aos pés do grande Crucifixo. Até altas horas da noite, a Serva de Deus ali esteve mergulhada em profunda oração. Compreendeu, então, que o Arcebispo tinha razão em negar-lhe aprovação e viu, distintamente, quais as partes que deveriam ser renovadas. Agradeceu ao bom Deus e anotou as necessárias observações. No dia seguinte, Rosa foi ter com o Padre Frassinetti para saber se êle ficaria satisfeito caso Mons. Charvaz tirasse da Regra o que lhe desagradava, prometendo-lhe que, sob essa condição, a Regra seria aprovada. O santo sacerdote, como era de esperar, respondeu que aceitava com muito prazer qualquer proposta do Sr. Arcebispo. Referiu a Mons. Charvaz a humilde resposta do Padre e apresentou-lhe o livro de Regra com as correções sem, contudo, lhe manifestar como foram feitas.

Quando êle trabalha.

O Prelado ficou estupefato, pois eram realmente aquelas as correções que desejava, e concedeu às Regras a suspirada aprovação. No encerramento desse ano cumulado de singulares favores, Rosa obteve de Nosso Senhor a luz para corrigir as Regras das Filhas de Maria e, nesta mesma oração, outro dom preciosíssimo lhe foi comunicado: o primeiro desígnio do Instituto que ela era chamada a fundar. Realmente feita a correção das Regras, enquanto apertava o Crucifixo de encôntro ao coração, e desfazia-se em agradecimentos pelas luzes obtidas, sentiu a mente tôda presa da idéia bem nítida de uma outra Regra, na qual se delineava uma nova Congregação Religiosa que se podia instituir. Secundando a inspiração do mo-

mento, escreveu as idéias que lhe subiam à mente; dobrou o papel, colocou-o em lugar seguro e continuou a oração sem pensar no que fizera.

Não fez palavra com pessoa alguma sôbre o que ouvira e escrevera na segunda parte daquela prece.

Recorrendo, novamente, ao Salvador pela oração, foi-lhe concedido um favor mais belo ainda e inesperado: a vocação àquela vida nova que deveria arrancá-la do mundo e fazê-la uma grande Serva de Deus. Quanto mais ardente era a oração, mais intenso era também o desejo que sentia de mostrar ao Arcebispo quanto havia escrito naquela noite.

Luta entre a natureza e a graça.

Os primeiros momentos de uma vocação são realmente inefáveis: quem poderá descrever as trepidações que agitam a alma e a acompanham nêstes arroubos divinos? A surpresa de um tesouro encontrado é nada em comparação com o dom inefável com que ao bom Deus apraz enriquecer uma alma.

Mas a pobre natureza humana, algumas vêzes, se habitua por tal forma à doce quietude, que chega a ponto de sentir desgosto diante de uma novidade sublime: dá-se então, a luta entre a natureza e a graça.

E' que a realização da obra estava a exigir completo abandono da família e dos filhos, para atirar-se a uma empresa assás difícil, e Rosa sentiu repugnância em obedecer.

O pensamento dos filhos e dos pais, em avançada idade, aos quais estava ligada por terníssimo afeto, fez-lhe subir os soluços à garganta e teve impressão que ia morrer. "O, meu Deus, sinto que minhas fôrças não bastam para fazer o que me pedis; sinto-me desfalecer só ao pensá-lo... Não tenho coragem, não posso".

Rosa compreendeu bem neste momento, a sua nulidade; por isso até o fim de sua vida, costumava designar o Instituto por ela fundado com o único nome de "Opera di Dio".

Resolveu, finalmente, abrir-se com o confessor que a repreendeu por ter silenciado por tanto tempo e obrigou-a a relatar a Mons. Charvaz o segrêdo que lhe confiara. Desolada e confusa, Rosa se apresentou ao bondoso Arcebispo, depois de lhe haver relatado, por escrito, o assunto que a levava a procurá-lo. X

Mons. Charvaz ouviu-a com atenção e disse-lhe que executasse quanto o Senhor lhe ordenara e que a obra seria belíssima. Sômente havia

necessidade de elaborar um regulamento interno decalcado sôbre as normas da Regra apresentada anteriormente.

Alguns dias após esta audiência, Rosa foi chamada à presença do Arcebispo que lhe disse haver encarregado Mons. Magnasco, membro do Capítulo Metropolitano, de ajudá-la na elaboração do regulamento desejado. Rosa, entretanto, com muita humildade, preferiu confiá-lo inteiramente a Mons. Magnasco.

Isto feito foi o regulamento elaborado, totalmente, por Mons. Magnasco e entregue ao Sr. Arcebispo. Entretanto, dilatado tempo se passou sem que Mons. Charvaz se pronunciasse. Mas à Serva de Deus nenhuma estranheza causava êste fato, pois adivinhava perfeitamente, o porquê da dificuldade.

Interrogada pelo Sr. Arcebispo sôbre o regulamento, Rosa externou seu desgosto. "Também a mim êle não agrada", afirmou Mons. Charvaz, e disse Rosa que era necessário fazer-lhe muitas correções, pelo que lhe pedia que o refizesse na íntegra.

A Serva de Deus, receiosa de que essa empresa não passasse de insinuação diabólica e, sobretudo, angustiadíssima pelo pensamento de ter de abandonar os filhos, pediu ao Sr. Arcebispo lhe permitisse consultar o Santo Padre antes de iniciar o trabalho. Rosa se atreveu a tanto, como a secundar um último e desesperado apêlo de seu coração materno, na esperança de fugir à penosa incumbência. Era a fragilidade da pobre natureza que se fazia sentir! O Santo Padre, pensava Rosa, não permitirá a uma mãe abandonar seus filhos.

Aos pés do Santo Padre.

Assim, aos 3 de janeiro de 1866, numa quarta-feira, às 17 horas, Rosa, recebida em audiência particular, sumamente comovida, prostou-se aos pés do Vigário de Jesus Cristo, ao qual já havia sido apresentada, oportunamente, a Regra escrita diante do Crucifixo.

Pio IX abençoou-a paternalmente e, tomando-lhe as mãos, disse-lhe que a Regra lhe agradara muitíssimo e que não queria que se deferisse a sua execução.

Rosa fulminada com a inesperada sentença, caiu novamente de joelhos e, num pranto convulso, lembrou ao Santo Padre que tinha os pais idosos e dois filhos pequenos necessitados dos desvelos maternos.

"Não importa, não importa, respondeu Pio IX, Deus assim o quer".

"Mas, Santidade, acrescentou Rosa, Deus me pedirá contas de meus

filhos, segundo o Evangelho. E eu os amo muitíssimo, não posso deixá-los; é impossível”.

O pranto trancou-lhe as palavras na garganta e não pôde prosseguir.

“Pois bem, respondeu o Santo Padre, em tom severo, se não fizerdes o que Deus vos ordena, sentireis remorsos durante tôda a vida e nunca mais tereis paz”.

Estas palavras graves do Soberano Pontífice despertaram na Serva de Deus a consideração do dever à visão dos direitos supremos do Criador sôbre as criaturas e, nas chagas do Divino Crucificado pela salvação do mundo, sentiu ecoarem as palavras do Santo Padre, como que a ameaçá-la de um terrível castigo pela recusa obstinada que não poderia ter mais nenhuma justificativa. Então, com o coração despedaçado, Rosa inclinou a cabeça e disse: “Santidade, quero fazer a vontade de Deus”.

Fruto de um Fiat sublime.

E dêste **Fiat** nasceu o novo Instituto que, mais tarde, tomou o nome de “Filhas de Sant’Ana”.

Pio IX, como que inspirado, acrescentou: “Teu Instituto, Rosa, se ampliará rapidamente como o vôo da pomba, por tôdas as partes do mundo. Deus cuidará de teus filhos. Pensa só em Deus e na sua obra”.

Com relação ao nome do Instituto — Filhas de Maria Imaculada — escrito na Regra, o Santo Padre inquiriu se fôra inspirado por Deus, ao que Rosa respondeu negativamente. “Bem, disse o Santo Padre, por enquanto fica assim, mas quando tiverdes obtido o verdadeiro título, se Deus quiser que seja outro, substituir-se-á pelo que o Senhor designar”.

A Serva de Deus, com as mãos presas entre as do Santo Padre que as apertava paternalmente, só sabia dizer: “Sim, Santidade, saberei obedecer”.

Foi necessário êsse holocausto do coração materno, a fim de que nela outro coração se formasse pela graça.

Por inspiração divina, Rosa escolheu Piacenza para berço da fundação.

Aos 12 de março de 1866, após violenta e dramática luta para vencer o afeto filial, sustentada pela graça, Rosa transpôz o corpo de sua mãe, que se deitara à porta da saída no intuito de embargar-lhe os passos, abandonou a casa paterna e seus queridos filhinhos para ir cumprir a **Vontade de Deus**.

Em Piacenza, a Serva de Deus travou relações com um sacerdote

notável da Congregação das Missões, que muito a auxiliou na organização do Instituto.

Nêste ano memorável de 1866, em fins de outubro ou novembro, Rosa teve uma visão que a fez compreender como deveriam chamar-se e vestir-se as novas religiosas. Após longas horas passadas em fervorosas orações sentiu-se tomada de uma espécie de êxtase. Súbitamente viu a capela iluminada por luz misteriosa e lhe apareceu Maria Santíssima com Sant'Ana num ato de lhe mostrar o véu que deviam usar as futuras religiosas; mais em baixo, como se estivesse ajoelhado, via São Francisco de Assis. A Virgem Imaculada lhe disse: "Quero que o título da Regra seja **Filhas de Sant'Ana**. Cedo com grande satisfação à minha Mãe esta Obra. Não se aflija; sempre terei como feito a mim o que lhe fizerem". E a visão desapareceu.

Assim, o dia 8 de dezembro de 1866, festa da Imaculada, abria para o Instituto uma história fecunda em santidade e obras de benemerência. Realizou-se nesta data, na capelinha da Madre, a cerimônia da primeira vestição de cinco religiosas. Graves motivos de família e o próprio bem do Instituto não permitiram a Rosa a felicidade de ser contada nêste número. Sòmente na festa de Sant'Ana do ano seguinte é que a Serva de Deus recebeu o santo hábito.

Síntese de sua espiritualidade.

Na casa do Senhor, Rosa Gattorno era uma lâmpada resplandescente a indicar a todos o caminho da virtude. Sofreu muito, mas sofreu como santa. Foi violentada pelo demônio, perseguida pelos maçons, caluniada por suas próprias filhas e... transbordou o cálice no travo amargo do desprezo dos bons e na incompreensão por parte de seus superiores.

Tôdas essas provações ela suportou com coragem heróica, abraçada à cruz, envolvendo seus adversários no manto de sua insuperável caridade, vendo sempre e só o seu Jesus por traz de tôdas as contradições. Nunca temeu dificuldades porque todos os problemas ela os resolvia com muita fé aos pés de seu Crucifixo. "Rezai e tudo obtereis", dizia a suas filhas. Assim, nos primórdios da fundação do Instituto, graças a suas preces, nunca faltaram às religiosas, na hora oportuna, o necessário alimento e meios para saldar dívidas urgentes. Até a saúde, para mais de uma de suas filhas, conseguiu alcançar de Deus a uma simples benção acompanhada de ordem enérgica de se levantar. Em virtude de dom da bilocação, com

que foi agraciada, pôde sustar muitos males e salvar suas filhas perdidas nas selvas da Bolívia.

Rosa amou com apaixonada loucura seu Espôso Crucificado e neste amor operativo estava a explicação daquele fascínio sobrenatural que exercia em tórno de si.

Infelizmente não é possível enquadrar dentro de ligeiros traços biográficos, uma vida rica de operosidade, resplendente de milagres, referta de assombros de caridade e votada, totalmente, ao amor de seu Deus, pelo sacrifício.

Finalidade.

O nascente Instituto dedicava-se à preservação de crianças periclitantes e à assistência de enfermos a domicílio. Neste setor, as religiosas encontraram logo de início, campo vastíssimo para exercer a caridade entre as vítimas do cólera que dizimava a população de Piacenza. Por fôrça das circunstâncias, as crianças órfãs eram recolhidas na casa Madre, sendo a primeira casa da fundação reservada às Irmãs enfermeiras que visitavam os doentes a domicílio.

No coração terníssimo de Rosa está a explicação da multiplicidade das obras do Instituto. O sofrimento alheio atuava com tanta intensidade em suas fibras maternas, que o contacto com a dor ou a necessidade era um forte reclamo à sua caridade e à concretização de um apêlo. Foi, portanto, do desprendimento e generosidade heróica desse coração que surgiram os hospitais para tuberculosos, cancerosos, leprosos, alienados e tóda a clínica em geral. Nem os pobres encarcerados, talvez os mais necessitados de amparo moral, ficaram esquecidos.

A infância e a juventude, de acôrdo com as classes sociais, também encontraram amparo e formação moral, religiosa e social, nos diversos orfanatos, crèches, colégios e academias fundados pela Serva de Deus.

Aprovação das Regras.

Em 1868, a Serva de Deus foi confortada com a aprovação Diocesana das Regras do nascente Instituto. Na festividade de Sant'Ana do ano de 1892, uma grande consolação reservou Deus ao coração de Serva fiel, presenteando-a, nessa data, com a definitiva aprovação das Constituições pela Cúria Romana, que lhe foi apresentada pelo Cardeal Verga, Protetor do Instituto.

Vendo naquelas Regras a verdadeira vida, Madre Rosa se ofereceu a Deus como vítima, a fim de que a plenitude dessa vida existisse em tôdas as suas filhas.

Expansão das Obras.

Rapidamente se desenvolveu o Instituto na Itália, o que atraiu a atenção de quantos se dedicavam às obras de caridade em terras de Missões.

Em abril de 1871 o Instituto contava seis casas e cento e onze religiosas. Em princípios de 1873, no curto espaço de 3 meses, o Instituto aceitou seis novas fundações: um hospital, 4 colégios e uma casa para domésticas.

Em Piacenza, Rosa fundou também um Instituto de Religiosas Sacramentinas.

Por tal forma progredia o Instituto na Itália que, do estrangeiro, chegavam pedidos insistentes no intuito de conseguirem a cooperação das Religiosas Filhas de Sant'Ana nos diversos setores do apostolado que já vinham exercendo, com tanta eficiência na Itália. Aqui, no Brasil, as Filhas de Sant'Ana chegaram em 1884, no Estado do Pará, tendo como primeiro campo de apostolado o Hospital do Bom Jesus, hoje Santa Casa de Misericórdia.

Em 1888, a Madre enviou as primeiras religiosas para as Missões da África que tomaram grande incremento e foram de intensa consolação para o seu coração de apóstolo.

Aos 23 de novembro de 1878, partia para a Bolívia a primeira equipe de 16 Religiosas idealistas, levando ao Novo Mundo um espírito forte e humilde, rico de amor e confiança em Deus de que se faz mistér para o feliz êxito das grandes emprêsas. "Las abnegadas madrecitas de la caridad", como as chamavam os bolivianos, foram recebidas em La Paz como anjos enviados do Céu.

Emulas de sua santa Fundadora, as Filhas de Sant'Ana nas terras estrangeiras que as acolheram com tanto carinho, desdobraram-se em esforços e sem regatear sacrifícios entregaram-se a suas obras de apostolado. E, confortadas com a proteção de Deus que nunca falta aos que trabalham com espírito sobrenatural, tiveram a consolação de ver o seu Instituto gozar de alto prestígio no Chile, Perú e Bolívia, sobretudo neste país que ostenta, entre vários educandários, o Colégio das Filhas de Sant'Ana, com destacado renome.

Fé, Esperança e Caridade em gráu heróico.

Rosa Gattorno sempre e nas mais difíceis circunstâncias de sua vida

soube abandonar-se nas mãos de Deus com assombrosa confiança; deppis de religiosa, porém, mais se acentuou nela êsse espírito de fé que chegou como que a fundir seu coração no coração da Igreja e criou nêle um clima de supraterrêna felicidade. Ela própria confessava ter recebido de Deus o dom de uma fé profunda.

As conferências que fazia às religiosas eram por tal forma saturadas do espírito de fé, que não havia quem as ouvindo não se sentisse elevado às alturas das santas audácias.

O seguinte fato prodigioso imprimiu um caráter distinto em sua espiritualidade: Quando viuva, residente ainda com seus pais, Rosa passava longas horas da noite diante de um grande Crucifixo. Certa vez, em momento de profunda angústia, o Cristo desprendeuse da cruz e caiu em seus braços. Atribuindo o fato a uma casualidade, fixou-o novamente à cruz e prosseguiu em suas orações. Nas noites seguintes, repetiu-se o mesmo incidente, apesar de ter sido o Cristo fixado à cruz por hábil operário. Rosa compreendendo, então, o sinal misterioso, comoveu-se profundamente. Era, portanto, desejo do Mestre que sua fiel discípula fosse tôda d'Ele por uma completa imolação. Desde esta noite memorável, a fé tornou-se mais refulgente ainda em Rosa Gattorno, fazendo-a medir os grandes e pequenos acontecimentos com o Sangue e as chagas do Crucificado.

Tornou-se, então, proverbial entre as Filhas de Sant'Ana, o estilo da Madre Gattorno, que terminava tôdas as cartas com os seguintes dizeres: "Abraço-a no meu caro Crucifixo".

Deus premiou a ilimitada confiança de sua Serva concedendo-lhe dons extraordinários. Provocava grande admiração a quantos a conheciam, sua inalterável serenidade em meio às maiores dificuldades. Sua preocupação máxima era ser tôda de Deus e conquistar-lhe almas; tudo o mais, com esperança assombrosa, ela tinha como certo: o Céu não lho negaria. E, a sustentar tão elevado edificio, aprofundaram-se bem sólidos, os alicerces da humildade.

Quando Deus se apodera totalmente de uma alma, nela desaparece por completo tôda mesquinha pretensão, todo ressaibo de egoismo, para perder-se sempre mais numa doação recíproca e transbordante de amor. E, nêste fluxo de um contínuo dar e receber, fica a pobre alma enriquecida de celestes dons para extravasá-los em benefícios de outrem.

A vida de Rosa Gattorno foi, tôda ela, um poema heróico de caridade. As religiosas que tiveram a felicidade de conviver com ela, são unânimes em afirmar que sua presença era um forte estímulo à virtude e encorajamento aos mais árduos sacrifícios. Quantas almas, subjogadas pelo poder

de suas palavras, abandonaram tudo e se entregaram às austeridades da vida claustral! Entre estas, destaca-se a Duquesa Maria Teresa Patto de Sorrentino, figura de grande destaque social em Palermo, que, tôda absorvida como vivia nas superfluidades mundanas, abandonou todos os requintes da vaidade e confôrto para se consagrar a Deus na vida de humilde Filha de Sant'Ana.

Uma lâmpada que se extingue.

Há momentos na vida de uma Congregação que se não descrevem! E' o momento em que o bom Deus retira de uma obra o imprescindível esteio. Uma simples gripe com o agravante de uma deficiência cardíaca foi o prenúncio, a explicação, que não explicava a tantos corações amargurados, a razão de ser dos trâmites normais de um desaparecimento esmagador.

Rosa Gattorno já havia preparado suas filhas para a luta. Com suas palavras de fogo e, sobretudo, com seu exemplo mais eloquente ainda, nelas despertara o entusiasmo por uma realidade que é realmente vida. Alertou-as a acertarem com a verdadeira fonte da santidade: apostolado exercido com elevação de espírito e orientado sempre pela observância das Santas Regras.

Esquecida de seus males, dedicou os últimos meses que a Providência lhe concedeu, robustecendo na fé o espírito de suas filhas e dispondo tudo com tal segurança que, como ela própria afirmou, após sua morte, o Instituto veio a fruir uma era de paz e grande tranquilidade.

Com a serenidade dos santos, sem uma palavra de lamento, suportou, ou melhor, saboreou os sofrimentos finais. Assim, aos 6 de maio de 1900, Rosa Gattorno serenamente se partiu para receber o justo galardão de glória, que o céu prepara aos seus fiéis servos, enquanto que, na amplidão da Casa Geral, as Religiosas estarrecidas ante o irremediável de uma esmagadora realidade, lamentavam o desaparecimento da inesquecível Madre.

Exumação.

Secundando um justo desejo de suas filhas a Madre Geral, Soror Ana Corredentrice Pomarici, 1932, obteve da Autoridade Eclesiástica permissão para guardar na capela da Casa Geral os queridos despojos da Venerável Fundadora.

Presentes os membros do Tribunal Eclesiástico do Vicariato de Roma, vários prelados, um número incontável de Religiosas tendo à frente a Madre Geral, o Conde Bernardo Barbiellini Amidei, neto mais novo da Serva de Deus, dois médicos, um por encargo do Vicariato e outro, pela Higiêne, aos 8 de fevereiro de 1932 procedeu-se à exumação do cadaver.

Apenas aberto o caixão, o médico da Higiêne, deu ordem para que fosse novamente fechado por lhe parecer que o corpo se encontrava ainda, em estado de decomposição, pelo afloramento do mfo sobre um amontoado de panos em putrefação. Mais prudente, porém, o médico dos encargos eclesiásticos, insistiu para que se procedesse a um ligeiro reconhecimento. Suspensos que foram os panos da parte da cabeça, apareceu, entre vivíssima emoção dos presentes, o rosto da Serva de Deus. Levantados os outros panos verificaram que todo o corpo estava incorruto. Em transportes de júbilo e intensa comoção as Filhas de Sant'Ana, no dia 14 de junho, com carinho todo filial, receberam na capela da Casa Geral, em Roma, o corpo de sua Fundadora.

Venerada com religioso afeto, Rosa Gattorno, voltou à sua séde de comando, para confôrto e orientação de suas filhas.

E hoje!

Hoje, a Província do Brasil, estende-se de Manáus a São Paulo em variado campo de apostolado, contando 38 Casas, um Noviciado e Séde Provincial em Recife.

Apesar das ingentes dificuldades dos tempos modernos, da lamentável escassez de vocações religiosas e das opressões várias de que se resentem tôdas as obras de apostolado, o Instituto das Filhas de Sant'Ana que, à morte de sua Fundadora já era uma realidade surpreendente, conta atualmente com o número animador de 284 casas na Itália, 20 na Bolívia, 13 na Eritréia, 6 na Argentina, 7 no Chile, 7 no Perú e 3 em Israel (Palestina) perfazendo um total de 378 casas, podendo reafirmar, assim, que sua Venerável Fundadora é ainda uma presença em todos os setores de apostolado de suas humildes Filhas.

Verifica-se, dêste modo, a memorável profecia do Santo Padre Pio IX: "Teu Instituto, ó Rosa, se ampliará rapidamente como o vôo da pomba, por tôdas as partes do mundo".

COMUNICAÇÕES E CRÔNICAS

Novo Conselheiro da Diretoria.

Com a mudança de Superiores na Custódia Provincial dos Padres Capuchinhos do Rio de Janeiro, assumiu o cargo de Custódio Provincial o Revmo. Pe. Sisto de Cássaro, que portanto passou a ser também Conselheiro da Diretoria. — Nossos parabens.

Ao Revmo. Pe. Frei Tarcisio de Palazzolo, que o precedeu no cargo, e que na Diretoria da C. R. B. se distinguiu sempre por sua ativa presença, os sinceros agradecimentos pelo trabalho e colaboração prestada desde a fundação da Conferência.

Curso sôbre a cura d'almas na atualidade.

Durante as férias de janeiro - fevereiro do próximo ano promoverá o Departamento das SS. Missões, no Rio de Janeiro, uma quinzena de estudo sôbre problemas paroquiais da atualidade, assunto êste que julgamos de interesse particular, não apenas para Missionários mas ainda para os 1.075 Vigários Religiosos da nossa Pátria.

Cada vez mais se patenteia que a cura de almas, tanto extra-ordinária como ordinária, para alcançar a santificação das almas, há de conseguir uma organização eficiente da paróquia como comunidade cristã, uma santificação da estrutura paroquial.

Os principais problemas que se apresentam nêste particular são: 1) o conhecimento da estrutura religiosa da paróquia pela sociografia religiosa, 2) a organização da comunidade paroquial, tanto urbana como rural, 3) a psicologia religiosa das camadas da paróquia e 4) a pastoral em face dos grandes perigos da atualidade: protestantismo, espiritismo e comunismo.

O conjunto constitui uma espécie de introdução à cura de almas da atualidade, motivo porque poderão participar do curso também Estudantes de Teologia do 5.º ano pastoral, recentemente introduzido pela Constituição "Sedes Sapientiae".

Conseguimos para êste curso a colaboração de uma equipe de Professôres, sacerdotes e leigos, especialistas nas várias matérias. Oportunamente comunicaremos o programa pormenorizado com os nomes dos Conferencistas, a data exata, horário e local, como ainda as condições de inscrição e hospedagem.

Cinquentenário franciscano em Santarém do Pará

Aos 21 de setembro de 1903, criava São Pio X a primeira prelazia do Brasil, com séde em Santarém, a qual com os seus 794.313 kms² constituía a maior do mundo. O primeiro Prelado, Mons. Frederico Benício de Sousa e Costa, após a visita pastoral, convenceu-se de que com o escasso clero disponível não daria conta do imenso trabalho que estava por fazer, propondo por isso à Santa Sé a entrega da Prelazia a uma Ordem religiosa.

De fato, aos 4 de agosto de 1907, tomava posse do novo campo de apostolado uma pequena turma de franciscanos, chefiada por Frei Amando Bahlmann, o qual em 1908 chegou a ser sagrado primeiro Bispo-Prelado santareno.

Embora também os missionários franciscanos fossem poucos na imensa região do baixo Amazonas, enfrentaram desde logo os problemas principais, inclusive o da catequese entre os Índios, fundando, em 1911, a missão de São Francisco entre os Munducurus, que últimamente conquistou fama mundial pelo interessante livro de Arthur J. Burks, "Sinos à margem do Cururu".

A convite de Dom Frei Amando, ainda se apresentaram outras congregações assumindo parte da prelazia, como os Missionários da Sagrada Família e os Padres do Preciosíssimo Sangue, seguindo-se-lhes, a convite de Dom Frei Anselmo Pietrulla, sucessor de D. Amando, os Franciscanos de Chicago e os Padres da Missão estrangeira de Milão. Em consequência desta colaboração pôde ser desmembrada em 1934 a prelazia de Xingú, em 1949 a de Amapá, esperando-se ainda a de Óbidos.

A educação e formação da juventude mereceu atenção especial tanto a Dom Frei Amando como aos seus sucessores, tendo o primeiro, neste interesse, fundado a congregação religiosa das Missionárias da Imaculada Conceição, o segundo tendo instalado o ginásio "Dom Amando" em Santarém para rapazes, para o qual Dom Floriano Loewenau, atual prelado, obteve a magistral direção dos Irmãos de Santa Cruz, enquanto para o ensino primário se estabeleceram, há pouco, as Irmãs do Preciosíssimo Sangue, cuja competência e atividade são reconhecidas em toda a Amazônia.

Durante os 50 anos de seu fecundo apostolado na prelazia santarena, os franciscanos desenvolveram belo movimento religioso, cultural e social, segundo provam de algum modo os seguintes dados estatísticos relativos ao ano de 1956, convindo levar em consideração o clima insalubre, a falta de conforto e a ausência quase total de estradas, havendo como artérias

de comunicação os rios e os paranás, tortuosos e encachoeirados, morosos e massantes a ponto de levar três a quatro semanas a viagem de Santarém até a missão dos Munducurus.

Eis à estatística: para os 163.000 civilizados e 12.000 Índios da prelazia santarena, há 14 paróquias com 18 igrejas e 148 capelas onde exercem o paroquiato 35 sacerdotes franciscanos coadjuvados por 5 Irmãos da mesma Ordem.

O movimento religioso acusa 9.373 batizados; 1.504 casamentos; 396.987 comunhões, 2.103 visitas sacerdotais aos enfermos; como também a organização de 145 centros catequéticos com 13.270 alunos.

Entre as 11 Associações destacamos a Ordem Terceira franciscana com 112 irmãos, a novel Ação Católica com 72 militantes, as congregações marianas com 726 filhas e 1.550 filhos de Maria (sic), a Cruzada Eucarística com 3.981 meninos e afinal 123 centros do Apostolado da Oração com 10.478 membros.

O movimento escolar enquanto ao encargo da prelazia é bem consolador: 53 escolas primárias com 3.610 alunos; 4 escolas secundárias com 472 estudantes, 1 escola profissional, 4 jardins de infância com 230 crianças e 8 bibliotecas públicas.

A assistência social testemunha de modo particular a operosidade do prelado e dos religiosos que não se limitam ao recinto da igreja, mas labutam ainda com 2 orfanatos, 7 postos de remédios, 1 asilo, 4 dispensários e como corôa de ouro a missão entre os Munducurus, na qual acham abundante trabalho 3 sacerdotes e um irmão franciscanos, como também 7 Missionárias da Imaculada Conceição.

Encerrando esta estatística formulamos o voto ardente que não tarde o dia em que todos os selvícolas da prelazia sejam atingidos pela catequese; pois, à falta de missionários e de meios continuam 10.000 Índios sem assistência missionária, enquanto o número de Índios até agora batizados chega a 2.864, e dos casamentos porém a 375. Se muito se tem feito, no decorrer de dez lustros, muito mais ainda fica por fazer (Fr. Venâncio Willecke, O. F. M.).

Religiosas Servas da Caridade.

A Congregação das Servas da Caridade, instituição fundada em Recife e que conta várias casas no Estado de Pernambuco, obteve da Sagrada Congregação dos Religiosos o "Decretum Laudis" que a incorpora às Congregações de direito pontifício.

Para dar cumprimento à determinação da Santa Sé a Revma. Madre Geral, ao 30 de julho p. p. emitiu votos perpétuos nas mãos do Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano, Dom Antônio de Almeida Moraes J. Na tarde do mesmo dia foi cantado solene Te Deum de ação de graças pelo grande acontecimento.

Jubileu de Prata das Franciscanas Alcantarinas.

As Irmãs Terceiras Franciscanas Alcantarinas comemoraram, aos 30 de julho p. p., 25 anos de seu estabelecimento no Brasil, quando chegaram as primeiras doze Irmãs que iniciaram suas atividades no Hospital Gaffrée Guinle, no Distrito Federal.

A Congregação teve suas origens na Itália, na cidade de Castellammare di Stábia, em 1869, fundada pelo Padre Vicente Gargiulo e pela Srta. Luiza Russo, depois Irmã Maria Inês. Em 1874 obteve aprovação diocesana e foi agregada à Ordem Minorítica; em 1894 recebeu o "Decretum Laudis" e finalmente, aos 14 de janeiro de 1903, a aprovação pontifícia definitiva. Está muito espalhada na Itália, com 100 casas e 1.500 religiosas; no Brasil conta com 87 religiosas e 20 noviças, com 11 casas sediadas no Distrito Federal, onde está a sede regional, Estado do Rio, Minas Gerais e São Paulo.

As comemorações constaram de um tríduo solene, Missa festiva celebrada por S. Emcia. o Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara e solene Te Deum em ação de graças. Na tarde do dia 4 de agosto houve sessão comemorativa, com números artísticos e musicais, e discurso sobre a data histórica pelo Revmo. Pe. Frei Jacinto de Palazzolo O. F. M. Cap.

Aprovação Pontifícia para as Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade.

Mais uma Congregação eleva a Deus sua ação de graças por ter sido admitida entre as de direito pontifício, com a aprovação definitiva das Santas Constituições; é a Congregação das Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade, que já possui várias casas no Brasil.

Fundada pelo Servo de Deus D. Luiz Orione, no dia 29 de junho de 1915, em Tortona, na Itália, a Congregação das Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade tem como finalidade amar e servir a Deus na sua Igreja e nos pobres, que são muito caros ao seu Coração e nossos irmãos prediletos, a imediata cooperação nas obras de misericórdia espirituais e corporais; o cuidado e a assistência aos enfermos; o desempenho dos ofícios próprios

de cozinha, rouparia e lavanderia em vários Institutos dos Filhos da Divina Providência, de comum fundação; jardins de infância, escolas primárias, de corte e costura; oratórios festivos para meninas e principalmente para filhas de operários, pois, no dizer do fundador, as Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade "são para os pobres", mães e irmãs dos pobres. Sua virtude característica é a caridade que faz ver no próximo a Cristo, para O servir, estando sôbre a Cruz e crucificadas pela caridade.

A Congregação desenvolveu-se rapidamente na Itália, Polônia, Argentina, Uruguai, Chile, Brasil, América do Norte e Suíça. O Brasil recebeu as primeiras Irmãs aos 23 de março de 1949, tendo atualmente a Congregação Casas em Belo Horizonte e Juiz de Fora (MG), Paraíba do Sul e Niterói (RJ), duas no Distrito Federal, Guararapes, (SP), Siderópolis (SC), e Tocantinópolis (GO).

A Casa provincial está situada em Paraíba do Sul, onde funcionam o Noviciado e o Postulantado, com anexo um orfanato para meninas.

CORRESPONDÊNCIA DAS SECÇÕES ESTADUAIS

Departamento de Assistência à Saúde da Secção de São Paulo

Para dirigir o Departamento de Assistência à Saúde da Secção de São Paulo, e para unificar, organizar e atualizar o apostolado nêsse importante setor, foi nomeada a Revda. Irmã Maria Gabriela, das Irmãs de São José.

A nova Diretora, que aceitou a incumbência animada dos melhores propósitos, já elaborou um plano de trabalho que pretende realizar para alcançar as finalidades que a C. R. B. e o próprio Departamento se propõem. Em vista das necessidades atuais pretende: a) encarar sempre mais a necessidade do preparo das religiosas no setor da enfermagem, pois a Lei 775 exige a chefia do Serviço de Enfermagem por Enfermeira diplomata, e a nova lei orgânica sôbre a enfermagem aumentará mais as exigências do preparo para cargos de chefia; b) incentivar as religiosas a fazerem o Curso livre de Administração hospitalar da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo. A pedido de Dom Vicente Marchetti Zioni, Bispo Auxiliar de São Paulo, está sendo ministrado atualmente na mesma faculdade um "Curso de Administração Hospitalar", para Religiosas que estão em cargos de direção ou que se irão ocupar disso (podem se inscrever: enfermeiras, farmacêuticas, nutricionistas); 3) conhecer bem as leis que regulamentam o exercício profissional destas atividades e ver como anda a participação das Religiosas. E' idéia do Departamento trabalhar organizando comissões de grupos para tratar de determinados assuntos e fazer reuniões gerais mais espaçadas.

Curso de Deontologia em Recife.

Está sendo realizado em Recife, organizado pela Secção Estadual da C. R. B.,

um Curso intensivo de Deontologia para Religiosas Enfermeiras e Práticas de enfermagem. As aulas são ministradas durante três dias da semana, nos meses de agosto e setembro, contando com um corpo docente especializado, composto pelos Drs. Djair Brindeiro, Albérico Câmara, Vicente Vanderley, Salgado Calheiros, Euclides Leite, Sampaio Junior. Entre outras matérias serão tratadas as seguintes: Filosofia do sofrimento, abortamento, cuidado com o cadaver, esterilizações, operações cirúrgicas imorais, cancerologia, ética profissional.

Atividades na Secção de Minas Gerais.

Apesar de a Secção de Minas Gerais ser a mais nova das Secções Estaduais, constatamos no entanto que sua organização caminha bem e sua atividade é prometedora.

Com o objetivo de um aprimoramento sempre mais profundo da formação religiosa, em função do apostolado, a Diretoria tomou providências realizando cursos especiais de férias, como tríduo catequético, organizado pelo Departamento de Catecismo, nos dias 17, 18 e 19 de julho, e dirigido por Dom Estevão Bettencourt O. S. B., com quatro conferências por dia, versando os temas sobre "Liturgia e Sagrada Escritura"; uma semana de estudos para as adjuntas de Ação Católica, de 9 a 12 de julho; e um curso para Assistentes Sociais, com a colaboração da A. S. A., começando no dia 6 de julho, com duração de seis meses e com tres aulas semanais, aos sábados.

Porém a Secção de Minas Gerais, da qual é Presidente o Revmo. Pe. Joaquim Parreira e Secretária a Irmã Maria Soares da Costa Lage, das Filhas de Jesus, quis iniciar suas atividades de público, com o lançamento da idéia de uma federação de transcendente importância para a formação da juventude mineira. Depois de ativo movimento de estímulo entre alunos e alunas dos Colégios Católicos da cidade, para que levassem a seus lares o maior entusiasmo, aos 30 de maio foi realizada uma assembléia geral dos pais de família de Belo Horizonte, com o objetivo de lançar os fundamentos da grande Federação estadual, que deverá congregiar tôdas as Associações dos Pais de alunos, a serem constituídas pelos núcleos organizados em cada Colégio ou Paróquia.

A sessão foi presidida pelo Revmo. Sr. Vigário Geral da Arquidiocese, estando presentes o representante do Exmo Sr. Governador do Estado, o Sr. Prefeito da Capital e Senhora, como também numerosos sacerdotes. A parte artística foi interpretada por elementos da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, pelo conjunto coral do Colégio Sacré Coeur de Marie e pela Escola de Declamação do Colégio Imaculada Conceição.

Logo de início o Pe. Presidente da Secção Estadual da C. R. B., com a vibração de sua alma devotada ao serviço do bem, expôs a idéia de associar todos os Pais de Família, num verdadeiro "front" de combate, na defesa do patrimônio de educação católica, herança e glória da família e agora ameaçado em seus legítimos interesses. Baseando o movimento na doutrina da Igreja e em vários discursos do Santo Padre, ressaltando o dever dos pais e o direito que tem a criança de desenvolver suas atividades de espírito e decoração para poder mais tarde desempenhar suas funções na sociedade, apresentando um quadro completo da realidade

brasileira e mineira a respeito da educação e formação da criança e da mocidade, concitou os numerosíssimos pais presentes e tôdas as famílias do Estado, a se unirem em todos os Colégios e Paróquias na Associação dos Pais de Família, formarem uma federação que seria uma vigia constante contra tôda espécie de mal que ameaçar a infância e a juventude, e defesa dos filhos contra as más doutrinas.

Finalidade da Federação Mineira das Associações dos Pais de Família é: a) despertar um conhecimento mais profundo dos problemas relacionados com a dignidade da família e seus direitos à educação dos filhos; b) promover maior aproximação entre as famílias e os educandários; c) defender os princípios do catolicismo no meio das famílias, de conformidade com a doutrina contida nos documentos pontifícios; d) pleitear a solução dos problemas de pedagogia moderna; e) incentivar a criação das associações congêneres em outros educandários, paróquias etc.; f) promover a realização de congressos, reuniões, conferências, círculos de estudo, etc., para exame de assuntos relacionados com as suas finalidades; g) divulgar por todos os meios seus princípios; h) apresentar sugestões às autoridades para a solução dos problemas educacionais que atingem a família.

Em nome das famílias de Minas Gerais, em vibrante protesto contra o mercantilismo da educação, à desvirtualização dos princípios educacionais do catolicismo, através de ideologias contraditórias dos fundamentos da verdade que representa o edifício da única e sólida cultura que mantém o homem no equilíbrio de sua vida particular e pública, falou também o Exmo. Sr. Dr. Celso de Melo Azevedo, DD. Prefeito de Belo Horizonte. Salientou a época de profunda crise que a Cidade e a Nação estão atravessando, crise que tem raízes nas dificuldades de uma situação econômica perturbadora, mas também na ausência de um sistema de educação cristã que procura abranger tôda a personalidade humana e não apenas alguns de seus aspectos. A educação cívica deve começar no lar e prolongar-se na escola, no colégio, na Universidade, para fazer frente à crise de autoridade e à crise de civismo reinantes. “Para que esse ideal se torne realidade — concluiu o Exmo. Dr. Celso Azevedo — é indispensável que conjuguemos esforços até agora dispersos, que promovamos no meio mais amplo de tôdas as famílias cristãs a continuidade do trabalho até agora realizado por algumas congregações religiosas bem inspiradas e bem dotadas no sentido da tarefa”.

Com o lema: “Fazer o bem”, que tem sido a alma de tôdas as reuniões, e com essa assembléa dos Pais de Família, a Secção de Minas Gerais apresenta-se com uma força e uma organização que caminhará para o conseguimento dos propósitos que a animam.

NOVAS FUNDAÇÕES

São Sepé, Rio Grande do Sul — Associação Beneficente — Hospital Santo Antônio, por meio de seu Presidente, Pe. Otávio Ferrari, oferece a uma Ordem, Congregação ou Instituto de Irmãs, a administração do Hospital, único na cidade de 5.000 habitantes e no Município com mais de 30.000 almas. Possui duas salas para indigentes com capacidade para 40 leitos, e 30 quartos para contribuintes.

Aratiba, Rio Grande do Sul — Pedem com urgência a uma Congregação Religiosa feminina que assuma a direção do ginásio local, que deverá começar a funcionar desde o início do próximo ano. Estão interessados o Revmo. Pe. Vi-gário que afirma ser a paróquia um campo privilegiado de vocações sacerdotais e religiosa, como também a Secretaria de Educação e Cultura do Estado que prontificou-se a custear a compra dos gabinetes de física, química, etc., e a adaptação do prédio do atual Grupo Escolar onde funcionará o ginásio até a construção do novo prédio.

João Pessoa, Paraíba — Fazendo parte do programa da Associação Noelista a assistência espiritual, moral e social às domésticas, o Núcleo Noelista da Paraíba procurou dar uma solução ao problema, conseguindo fundar a Casa da Empregada Doméstica da Paraíba, inaugurada a 6 de janeiro de 1956, devidamente equipada, mas no entanto sem funcionamento por faltarem elementos capazes que tomem a si a direção da obra. Apela portanto a alguma Congregação religiosa feminina que pudesse solucionar o caso. Situa-se a C. E. D. P. fora do centro da cidade, no antigo Campo de Imbiribeira. Ao seu lado se encontra em pleno funcionamento a Escola Profissional, fundada e dirigida por Mons. Pedro Anísio.

BIBLIOGRAFIA

A Santa Bíblia

TOBIAS, JUDITE, ESTER. Tradução, introdução e notas de D. Estevão Bettencourt, O. S. B., 184 págs.

EVANGELHO SEGUNDO SAO MATEUS. Tradução, introdução e notas de Pe. Marcos Carneiro de Almeida, S. D. S., 136 págs., 1957.

EPISTOLAS DE SAO JOÃO. Tradução, introdução e notas de Pe. Manuel Jimenez C. P., 44 págs., 1957...

O CANTICO DOS CANTICOS. Tradução, introdução e notas de Dom Estevão Bettencourt O. S. B., 64 págs., 1957.

Livraria AGIR Editôra, Rio de Janeiro.

Esta louvável iniciativa da Editôra AGIR, que apresenta a Bíblia traduzida diretamente dos originais, foi já apresentada nas páginas desta Revista pelo exímio escritor Dom Estevão Bettencourt O. S. B., que também anunciava a próxima publicação das obras que agora apresentamos.

Além do grande valor que tem estas traduções, devidas aos maiores professores e estudiosos de Sagrada Escritura que contamos no Brasil, esta coleção tem o mérito de por nas mãos do grande público os livros sagrados, introduzindo-o assim a um conhecimento mais apurado e profundo da palavra de Deus e

da revelação. A introdução, sempre breve e bem feita, está ao alcance de todos, mesmo daqueles que não possuem uma preparação especial no assunto; assim também as notas que facilitam a compreensão de locuções e costumes próprios daqueles tempos.

Não somente para os Religiosos e Religiosas, mas para os colégios católicos, esses opúsculos serão de precioso auxílio na formação para a vida espiritual e para o ensino da religião, pelo que qualquer elogio e quaisquer recomendações tornam-se desnecessárias.

Pe. Frei Jamaría de Sortino O. F. M. Cap.